

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

MARINA ATAÍDE SILVEIRA BENÍCIO

**A VARIAÇÃO DA PREPOSIÇÃO “A” NO EMPREGO DOS VERBOS “VISAR”,
“ASSISTIR” E “ASPIRAR” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO**

UBERLÂNDIA

2008

MARINA ATAÍDE SILVEIRA BENÍCIO

**A VARIAÇÃO DA PREPOSIÇÃO “A” NO EMPREGO DOS VERBOS “VISAR”,
“ASSISTIR” E “ASPIRAR” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Teoria, descrição e análise linguística.

Orientadora: Professora Dra. Maura Alves de Freitas Rocha.

**Uberlândia
2008**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B467v Benício, Marina Ataíde Silveira, 1962-
A variação da preposição “A” no emprego dos verbos, “**visar**”,
“**assistir**” e “**aspirar**”, no Português Brasileiro escrito / Marina Ataíde
Silveira Benício. - 2008.
109 f. : il.

Orientador: Maura Alves de Freitas Rocha.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Linguística.
Inclui bibliografia.

1. Sociolinguística - Teses. 2. Gramática comparada e geral – Preposições -
Teses. I. Rocha, Maura Alves de Freitas. II. Universi-
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Linguística. III. Título.

CDU: 801:159.9

Marina Ataíde Silveira Benício

A variação da preposição “a” no emprego dos verbos “**visar**”, “**assistir**” e “**aspirar**”, no Português Brasileiro escrito.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Teoria, descrição e análise linguística.

Orientadora: Professora Dra. Maura Alves de Freitas Rocha.

Uberlândia, 31 de outubro de 2008

Banca Examinadora

Prof^a. Dra. Elisete Maria de Carvalho Mesquita - ILEEL/UFU

Prof^a. Dra. Lúcia Mosqueira de Oliveira Vieira – Centro Universitário do Cerrado

Prof^a. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha – ILEEL/UFU

Aos meus pais, pelo carinho e estímulo sempre.

Ao meu esposo Carlos pelo apoio e compreensão.

Aos meus filhos Daniela, Diogo e Danilo, presentes de Deus na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela graça de realizar este trabalho, pelo milagre de cada dia e pela luz de cada manhã.

À professora e orientadora Dr^a. Maura Alves de Freitas Rocha, a quem serei sempre grata, pelo direcionamento seguro, com empenho e competência, na orientação deste trabalho.

À professora Dra. Elisete Maria de Carvalho Mesquita, pela sua colaboração no exame de qualificação e participação na banca examinadora desta dissertação.

Agradeço ao Plínio Henrique de Castro Cezarino pela atenção e colaboração na formatação do texto deste trabalho.

Ao professor Dr. Luiz Carlos Travaglia, pela sua luz, e pela sua solidariedade sempre.

A todos aqueles que deram votos de confiança, apoiando a cada passo na realização deste trabalho, expressei todo meu carinho e meu sincero agradecimento.

A linguagem move-se pelo tempo em um curso que lhe é próprio [...]
Ainda que não houvesse a fragmentação das línguas em dialetos,
ainda que cada língua permitisse em firme e inflexível unidade,
estaria em constante afastamento de toda norma consignável
desenvolvendo incessantemente aspectos novos, transformando-se...

SAPIR

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada no âmbito da sociolinguística, sobre o emprego da preposição *a* introdutora de complemento em estruturas sintáticas com os verbos “**visar**”, “**assistir**” e “**aspirar**”, no Português Brasileiro escrito, com o objetivo de analisar o comportamento da preposição *a* no emprego desses verbos, considerando a variação e os fatores condicionadores que atuam na realização da variável. O trabalho fundamenta-se nos pressupostos teóricos da sociolinguística laboviana, proposta de Labov (1972), e os estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006); em uma abordagem da Gramática Tradicional, com base em Cunha (1999), Cegalla (1999), Rocha Lima (1978) e Bechara (2001); e em alguns estudos da linha gerativista, proposta por Chomsky, com base em Morais (1999), Oliveira (1999), Ramos (1992) e Stowell (1981). O *corpus* constituiu-se de 734 dados levantados em quatro jornais do Brasil: *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Estado de Minas* e *O Estado de São Paulo*. A análise revelou o índice de distribuição da variação da preposição *a* nos jornais, apresentando porcentagens e frequências da variação com relação aos fatores condicionadores. Com os resultados estatísticos, algumas hipóteses puderam ser comprovadas: a adjacência do complemento; o infinitivo, pronome e clítico acusativo; e o pronominal nulo PRO favorecem a ausência da preposição.

Palavras chave: sociolinguística – verbos – preposição - variação

ABSTRACT

This paper presents a survey conducted as part of a sociolinguistics study on the use of the preposition “a”, which precedes the object of syntactic structures with the verbs *aim*, *watch* and *aspire*, in written Brazilian Portuguese, with the purpose of analyzing the behavior of that preposition within the use of those verbs, considering the variation and conditioning factors which act in the realization of the variable. The work is based on theoretical assumptions of sociolinguistics proposed by Labov (1972), and studies of Weinreich, Labov and Herzog (2006). The approach used was that of Traditional Grammar, based on Cunha (1999), Cegalla (1999), Rocha Lima (1978) and Bechara (2001), and in some studies in generativism, proposed by Chomsky, based on Morais (1999), Oliveira (1999), Ramos (1992) and Stowell (1981). The *corpus* of 734 data was collected from four newspapers in Brazil: *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Estado de Minas* and *O Estado de São Paulo*. The analysis showed the rate of change in the distribution of the preposition in newspapers, as well as frequencies and percentages of change with respect to the conditioning factors. Based on statistical results, some assumptions could be proved: the adjacency of the complementation, the infinitive, pronoun, and clitic accusative; and pronominal PRO favors the absent of the preposition.

Key words: sociolinguistics - verbs - preposition - change

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Presença e ausência da preposição a no Português Brasileiro escrito.	71
GRÁFICO 2 - Variável dependente x tipos de jornais.....	72
GRÁFICO 3.a - Presença da preposição x Formas de complemento x Posição	73
GRÁFICO 3.b - Ausência da preposição x Formas de complemento x Posição	73
GRÁFICO 4.a - Presença da preposição x Formas de complemento x Traço animacidade	75
GRÁFICO 4.b - Ausência da preposição x Formas de complemento x Traço animacidade	75
GRÁFICO 5.a - Ausência da preposição x Formas de complemento x jornais	77
GRÁFICO 5.b - Presença da preposição x Formas de complemento x Jornais	78
GRÁFICO 6.a - Ausência da preposição x Formas de complemento x verbos.	82
GRÁFICO 6.b - Presença da preposição x Formas de complemento x verbos.....	82
GRÁFICO 7.a - Presença da preposição x Posição x Traço animacidade	84
GRÁFICO 7.b - Ausência da preposição x Posição x Traço animacidade	84
GRÁFICO 8.a - Presença da preposição x Posição x Jornais.....	85
GRÁFICO 8.b - Ausência da preposição x Posição x Jornais.	85
GRÁFICO 9.a - Presença da preposição x Posição x PRO.....	87
GRÁFICO 9.b - Ausência da preposição x Posição x PRO.....	87
GRÁFICO 10.a - Presença da preposição x Posição x Verbos	89
GRÁFICO 10.b - Ausência da preposição x Posição x Verbos	89
GRÁFICO 11.a - Presença da preposição x Traço animacidade x Jornais	91
GRÁFICO 11.b - Ausência da preposição x Traço animacidade x Jornais	91
GRÁFICO 12.a - Presença da preposição x Traço animacidade x Verbos	93
GRÁFICO 12.b - Ausência da preposição x Traço animacidade x Verbos	93
GRÁFICO 13.a - Presença da preposição x Jornais x Verbos	94
GRÁFICO 13.b - Ausência da preposição x Jornais x Verbos	94
GRÁFICO 14.a - Presença da preposição x PRO x Jornais	96
GRÁFICO 14.b - Ausência da preposição x PRO x Jornais	96
GRÁFICO 15.a - Presença da preposição x Voz passiva x Jornais	98
GRÁFICO 15.b - Ausência da preposição x Voz passiva x Jornais	98
GRÁFICO 16.a - Presença da preposição x Voz passiva x Tipos de verbos	99
GRÁFICO 16.b - Ausência da preposição x voz passiva x tipos de verbos.....	99

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1	
1.0. Referencial Teórico	25
1.1. Introdução.....	25
1.2. A abordagem da Sociolinguística Variacionista	25
1.3. A Variação Linguística.....	28
1.4. A abordagem da Gramática Tradicional	36
1.5. A Gramática dos Princípios e Parâmetros.....	40
1.5.1. A Preposição “a” e a caracterização do objeto indireto.....	41
1.5.2. A Função da Preposição a introdutora de complementos verbais.....	48
1.5.3. A Variação sintática e a estrutura de complementação.....	51
1.5.4. A estrutura de complementação e a posição da variável	53
1.5.5. A Preposição <i>dummy</i>	58
1.5.6. Considerações Finais.....	59
CAPÍTULO 2	
2.0. Procedimentos Metodológicos.....	61
2.1. Introdução	61
2.2. Caracterização da Pesquisa.....	61
2.3. Cenário da Pesquisa.....	62
2.4. Perguntas de pesquisa.....	62
2.5. O <i>corpus</i>	63
2.6. Hipóteses	63
2.7. Objetivos	63
2.8. O Envelope da Variação.....	64
2.9. Considerações Finais	70
CAPÍTULO 3	
3.0. Discussão e Análises dos Dados	71
3.1. Introdução	71
3.2. Distribuição das variantes.....	71
3.3. Cruzamento das variáveis com os grupos de fatores.....	73
3.3.1. Formas de complemento.....	73

3.4. Posição das formas de complemento.....	84
3.5. Traço Animacidade	90
3.6. Jornais	94
3.7. Variável dependente x PRO x jornais	96
3.8. Variável dependente x voz passiva x jornais	97
3.9. Considerações Finais	100
CAPÍTULO 4	
4.0. considerações Finais.....	101
REFERÊNCIAS	103
ANEXO.....	105

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere no âmbito da Sociolinguística Variacionista e aborda a variação linguística na sintaxe do Português Brasileiro escrito, especificamente o emprego da preposição **a** em estruturas sintáticas com os verbos “**visar**”, “**assistir**” e “**aspirar**”, uma vez que, nas últimas décadas, verifica-se, no domínio da escrita dos meios de comunicação de massa no Brasil, estas formas linguísticas em variação.

Estes verbos são empregados no Português Brasileiro escrito, sem o auxílio da preposição **a**, isto é, em desacordo com o que as Gramáticas Normativas Tradicionais preconizam. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar o comportamento destes verbos no que se refere à variação da preposição **a** no Português Brasileiro. De acordo com o levantamento preliminar dos dados realizado nos jornais O Globo, Folha de São Paulo, Estado de Minas e O Estado de São Paulo, observamos a variação da preposição **a** nas estruturas sintáticas. A nossa proposta é verificar com qual frequência as variantes estão sendo empregadas nos textos produzidos por estes jornais e analisar e descrever esses fenômenos.

Consideramos que a língua não constitui um sistema homogêneo, invariável e rígido, mas sim, que toda língua comporta variações. Ela não é somente um conjunto de formas linguísticas, mas sobretudo constitui-se de valores socioculturais associados àquelas formas. E os métodos de análise e descrição linguística trazem contribuições para a compreensão do funcionamento desses fenômenos. Na escrita, apesar de haver uma norma-padrão estabilizada, as formas linguísticas em variação manifestam-se também em textos de jornais, textos acadêmicos, etc.

O nosso trabalho está fundamentado na sociolinguística laboviana, um modelo teórico metodológico que considera a relação língua e sociedade, na abordagem da Gramática Tradicional e na abordagem gerativista.

De acordo com as pesquisas de campo e bibliográficas, as formas verbais com a preposição **a** variam e competem entre si, trazendo implicações nas descrições tradicionais. As Gramáticas Tradicionais sustentam que, no regime indireto esses verbos devem ser regidos pela preposição **a**, mas o que está ocorrendo é a ausência da preposição nessas estruturas, em contextos que exigem sua presença. Observamos também que os verbos possibilitam a presença de clíticos acusativos em seus complementos, contrapondo com as descrições tradicionais.

O emprego da preposição **a** está relacionado a fatores linguísticos que a condicionam, pois a variação não é aleatória. Os usuários da língua empregam as variantes nos textos dos jornais, substituindo os padrões preconizados pelas gramáticas tradicionais.

De acordo com o levantamento preliminar dos dados, percebemos que o fenômeno sintático já começa a se estabelecer na escrita dos jornais. Por isso, nossas questões de pesquisa foram as seguintes:

- a) Qual é a função da preposição **a** ao introduzir complementos dos verbos “**visar**”, “**assistir**” e “**aspirar**”?
- b) As formas de complemento dos verbos, a animacidade do sintagma, a adjacência, o infinitivo e ocorrência de PRO estão relacionados com o emprego da variante preposição **a**?
- c) O argumento interno desses verbos pode ser retomado por clíticos acusativos?

A partir das pesquisas bibliográficas e de um levantamento dos dados, observamos que a posição estrutural da preposição **a** na sentença e as formas de complemento dos verbos, infinitivo, sintagma nominal, pronome, e clítico acusativo podem estar relacionadas com a sua ausência. E assim, levantamos as seguintes hipóteses:

- 1) O infinitivo colabora para a ausência da preposição.

- 2) A adjacência do complemento contribui para o apagamento da preposição.
- 3) O fator animacidade do sintagma favorece o apagamento da preposição.
- 4) PRO favorece a ausência da preposição.

Em decorrência disso, delineamos como objetivos específicos de nossa pesquisa:

- a) verificar se o infinitivo favorece a ausência da preposição.
- b) analisar se a adjacência do complemento contribui para a ausência da preposição.
- c) verificar se o complemento verbal com sintagma nominal favorece o apagamento da preposição.
- d) verificar se o pronominal nulo favorece a ausência da preposição.

Este trabalho foi assim organizado: no capítulo 1, apresentamos a fundamentação teórica da pesquisa: as teorias da sociolinguística laboviana, os estudos de Labov (1972) e os estudos de Weinreich, Labov & Herzog (2006) sobre a mudança linguística. Apresentamos também, neste capítulo, uma abordagem da Gramática Tradicional, sobre a regência dos verbos de acordo com a visão de quatro gramáticos brasileiros, Cunha & Cintra (1999), Rocha Lima (1978), Cegalla (1999) e Bechara (2001).

A fim de analisar o funcionamento da preposição **a** em cada verbo apoiamos-nos nos estudos de Morais (1999), cujo estudo é sobre a preposição **a** e a caracterização do objeto indireto; Oliveira (1999), que estuda os complementos verbais introduzidos pela preposição **a**; Ramos (1992), que estuda a marcação de Caso e mudança sintática e Stowell (1981), que estuda o funcionamento da preposição.

No capítulo 2, apresentamos os procedimentos metodológicos, materiais e métodos empregados que nortearam essa pesquisa, bem como os passos seguidos na investigação.

Apresentamos também o envelope da variação; a variável dependente; os grupos de fatores condicionadores e o material analisado.

No capítulo 3, apresentamos a discussão e análise dos dados, os resultados do cruzamento da variável com os grupos de fatores e possível confirmação das hipóteses.

No capítulo 4, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos a fundamentação teórica que norteou o nosso trabalho. Primeiramente, abordamos a sociolinguística variacionista, conhecida também como sociolinguística laboviana, que trata da variação e mudança linguística, de acordo com Labov (1972) e os estudos de Weinreich, Labov & Herzog (2006). Em seguida, apresentamos uma abordagem da Gramática Tradicional sobre o emprego da preposição **a**, na regência dos verbos “**assistir**”, “**aspirar**” e “**visar**”, de acordo com quatro gramáticos normativos: Rocha Lima (1978), Cegalla (1979), Cunha & Cintra (1999) e Bechara (2001).

Para explicar o comportamento da preposição **a**, apresentamos, ainda, neste capítulo, os pressupostos teóricos da Gramática dos Princípios e Parâmetros, de acordo com Morais (1999), Oliveira (1999), Ramos (1992) e Stowell (1981).

1.2 A abordagem Sociolinguística Variacionista

A sociolinguística é uma área de estudo e investigação do fenômeno linguístico em seu contexto social e cultural, em situações reais de uso, em uma mesma comunidade linguística. Essa teoria é conhecida também como sociolinguística laboviana ou teoria da variação e o ponto inicial de análise, segundo essa teoria, é a diversidade própria de uma comunidade linguística. Esse é um modelo teórico metodológico de descrição e interpretação de fenômenos linguísticos em comunidades urbanas, fixado por Labov na década de 1960,

que considera a associação entre língua e sociedade e tem por objetivo a sistematização da variação existente na linguagem.

Desse modo, o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística, própria de uma comunidade, diversidade essa que está relacionada a fatores sociais e pode ser observada, descrita e analisada em seu contexto social.

Labov (1972) considera que a língua não constitui um sistema coerente e racional, mas um sistema marcado por alterações, ou seja, por variações linguísticas, que estão relacionadas com a sociedade. Para o autor, a língua é um fato social e a melhor maneira de estudá-la é concebê-la como um sistema heterogêneo.

A tarefa da sociolinguística é, portanto, mostrar a co-variação das formas linguísticas, que ocorrem em uma mesma comunidade de fala, na qual as pessoas compartilham um conjunto de normas sociais.

Em virtude da natureza heterogênea da linguagem, o enfoque das pesquisas de Labov é social. O autor destaca a necessidade de reflexão sobre a natureza da linguagem no contexto sociocultural, a fim de perceber as suas características sociais: os fatos da língua que sofrem variação e o quanto estão completamente envolvidos com as normas sociais. “The procedures of descriptive linguistics are based upon the conception of language as a structured set of social norms.” (LABOV, 1972, p.110).¹

Labov (1972) apresenta observações diretas da variação e mudança linguística no contexto social, a partir de dados empíricos obtidos na pesquisa realizada no inglês de Nova York. O autor observou que a variabilidade dos fatos da língua envolve aspectos sociais. Assim, ele considera que a variação é uma condição do sistema linguístico. As variantes da língua possuem certa regularidade, que não é aleatória, e estão relacionadas a fatores sociais.

¹ "Os procedimentos de descrição linguística são baseados na concepção de linguagem como um conjunto estruturado de normas sociais." (Labov 1972, p. 110)- Tradução nossa.

Assim, é preciso descrever essa heterogeneidade para que possamos dar conta da influência dos fatores linguísticos e sociais.

Desse modo, o modelo laboviano permite compreender as estruturas variantes existentes na língua, resgatando delas os mecanismos que regem a sua variação e a mudança. E a variação que é característica essencial da linguagem está relacionada a fatores linguísticos e sociais, que estão continuamente envolvidos, conforme se verifica a seguir:

[..] we can expect that social factors will be deeply involved in the actuation problem : why it look place at the particular time and place that it did....Our first problem is to determine the aspects of the social context of language that are most closely connected with linguistic change. ...We would therefore be wise to correlate our linguistic data with whatever measures of social position or behavior can be repeated reliable by others at other points in time. (LABOV, 1972 ,p. 283,28)²

Labov destaca ainda que são vários os fatores externos que atuam na seleção de uma variante, entre eles: o estilo da fala, o sexo, a idade, a escolaridade, a profissão, a classe social, a região ou zona de residência e a origem do falante. Esses fatores estão associados aos padrões de comportamento que refletem na linguagem e variam de acordo com o tempo e lugar. Assim, a estratificação social da linguagem está ligada às variações linguísticas e aos dados extralinguísticos do falante.

Também são fatores importantes para a explicação dos fenômenos de diversidade: a influência estilística, a consideração lexical, a faixa etária e o tempo. A língua sofre condicionamento desses fatores sociais, e assim forma dialetos, que são um conjunto de normas sociais de um mesmo grupo.

² Podemos esperar que os fatores sociais estejam profundamente envolvidos na atuação do problema: por que o estudo se fez em um lugar especial, no tempo e no espaço.... O nosso primeiro problema é o de determinar os aspectos do contexto social da língua, que estão conectados com mudança linguística. ... Seria, portanto, correlacionar os nossos dados linguísticos com as medidas de posição social ou comportamento podendo ser repetido em outros pontos no tempo. (Labov 1972, p.283, 284) Tradução nossa.

1.3 A Variação Linguística

O sistema linguístico é marcado por alterações e se constitui não só de formas categóricas, mas também de formas variáveis. As formas variáveis se aplicam quando duas ou mais formas que expressam o mesmo conteúdo estão em concorrência em um mesmo contexto, e a escolha de uma depende dos fatores tanto de ordem interna como de ordem externa ou social.

Dessa forma, os fatos da língua estão sujeitos à variação e as formas linguísticas que expressam o mesmo conteúdo e alternam entre si são as variantes linguísticas. As duas ou mais formas diferentes coexistentes são denominadas variáveis linguísticas.

De acordo com Labov,

It is common for a language to have many alternate ways of saying “the same” thing.[...] the variants are said to belong to different systems, and the alternation is an example of “dialect mixture”[...] (LABOV, 1972, p. 188).³

As variantes linguísticas podem ser classificadas em: variantes de prestígio, estigmatizadas, inovadoras e conservadoras. As de prestígio são aquelas que têm maior aceitação e que se impõem como marca de prestígio, geralmente estão associadas a um grupo social de classe dominante. As estigmatizadas são as variantes que sofrem estigma por não serem aceitas e são empregadas por falantes das classes dominadas ou as mais baixas. As inovadoras e conservadoras são duas ou mais formas de se transmitir a mesma coisa, uma antiga e a outra inovadora. A forma mais antiga tem maior aceitação que a inovadora.

³ É comum que uma língua tenha muitas maneiras alternativas de dizer "a mesma" coisa. [...] Acredita-se que as variantes ditas pertençam a diferentes sistemas, e a alternância é um exemplo de uma mistura de dialetos. (LABOV 1972, p. 188). Tradução nossa.

Labov (1972) observou que há um tipo de conflito entre essas formas: a forma mais antiga e conservadora pode ser substituída pela mais nova ou inovadora.

“All of the empirical observations of change in progress which have been reported are explained as the result of a complex process of borrowing, and are relegated to a type of linguistic behavior known as fluctuation or conflict of forms. (LABOV, 1972, p.164).⁴

Para Labov, com relação à norma padrão, a forma antiga é mais resistente e a inovadora tem dificuldade de aceitação, ou seja, sofre resistência dos usuários da língua.

Há também as formas linguísticas socialmente marcadas, que são as variantes de um determinado grupo, os indicadores e os marcadores. Os indicadores apresentam uma diferenciação social por idade ou grupo social. Os marcadores apresentam variação estilística, são formas que revelam forte estratificação, tanto em relação aos grupos sociais quanto aos estilos.

Dessa forma, as variáveis externas de ordem social influenciam na escolha das variantes e nem sempre essa escolha é condicionada por fatores apenas socioculturais. Além disso, os fenômenos de variação são regulados também por pressões do próprio ambiente linguístico em que se realizam. Dessa forma, tanto os fatores internos quanto os externos podem atuar na seleção de uma variante.

Labov (1972) menciona que deve ser dada atenção especial ao contexto ou à situação em que as formas são empregadas. A situação pode ser formal ou informal, e algumas variáveis mudam de acordo com a situação ou contexto social.

⁴ "Todas as observações empíricas de mudança em curso que têm sido relatadas são explicadas como o resultado de um complexo processo de empréstimos, e são relegadas a tipo de comportamento conhecido como flutuação linguística ou de conflito de formas." (LABOV 1972, p. 164) Tradução nossa.

Em decorrência disso, o autor chama a atenção para os estilos de fala, pois há situações em que o falante apresenta um grau maior de formalidade, denominado de discurso cuidado. O registro e o estilo também se referem ao uso da língua. Eles envolvem aspectos da situação ou contextos, os propósitos do emissor, o tipo de assunto e as relações entre os participantes do ato linguístico.

The simplest style to define is the one we have called careful speech. In our investigation, this is the type of speech that normally occurs when the subject is answering questions which are formally recognized as part of the interview. Generally speaking, an interview which has its professed object the language of the speaker will rate higher on the scale of formality than most conversation. (LABOV, 1972, p. 79, 80).⁵

Labov observou ainda que há um repertório linguístico que varia de acordo com as pessoas e o lugar em que elas se encontram. Em algumas situações, é possível que o falante selecione uma linguagem mais formal. O autor considera que se devem levantar dados de usuários que fazem uso de uma linguagem mais formal como, por exemplo, os meios de comunicação de massa, rádio, televisão, jornal; mas é necessário observar que, nesses casos, o estilo de fala é mais formal. Assim, ele explica que podemos encontrar falantes que têm o mesmo estilo de fala, mas também podemos encontrar os que empregam estilos diferentes, dependendo do local, da situação e do contexto em que se encontram, como se observa a seguir:

⁵ "O mais simples estilo para definir é o que temos chamado de discurso cuidado. Em nossa investigação, este é o tipo de discurso que normalmente ocorre quando o assunto é responder às questões que são formalmente reconhecidas como parte da entrevista. De uma maneira geral, uma entrevista que tem professada a linguagem do falante, terá taxa mais elevada na escala de formalidade do que na maioria da conversação." (LABOV, 1972, p. 79, 80) Tradução nossa.

While we find that most urban speakers have a variety of shifting stiles of speech, and that interviews under varying conditions will produce counts of phonological features, this is not the case with most Vineyarders. The majority are essentially single-stile speakers [...] we must now consider the reasons for assessing this pattern as evidence for an historical change in the linguistic development of Martha's Vineyard. Is this an example of sound change, or is it merely evidence for a regular change in speaking patterns which is correlated with age? (LABOV, 1972, p. 21,23).⁶

Os fatores sociais, tais como: a classe social, o local, o sexo, a faixa etária e o grupo étnico devem ser considerados, pois promovem diferenças na linguagem. Com relação à faixa etária, normalmente as diferenças são observadas na fase da aquisição da linguagem e na linguagem dos idosos e de adolescentes. Os idosos usam algumas estruturas que os adolescentes não usam.

To begin with, we must consider the relations of real time to apparent time for a prestige marker in the process of change. For the highest –ranking group which shows the greatest linguistic security, these two dimensions match most closed. The oldest members of the upper middle class would tend to preserve their older prestige forms as solidified relatively early in their development, and the younger members would show the adoption of the newer prestige form. (LABOV, 1972, p.134).⁷

A classe social a que pertence o indivíduo também exerce forte influência no estilo e em seu modo de falar.

⁶ Enquanto nós achamos que as maiorias dos falantes urbanos têm uma variedade de estilos que mudam de expressão, e que as entrevistas sendo feitas sob diferentes condições produzem contagens de características fonológicas, não é esse o caso com muitos falantes Vineyarders. A maioria é essencialmente estilo-único de falantes [...] agora temos de considerar as razões para avaliar este padrão como evidência para uma mudança histórica no desenvolvimento linguístico da Martha's Vineyard. Este é um exemplo de uma boa mudança, ou trata-se apenas de uma troca regular, de provas falando em padrões que está correlacionada com a idade? (LABOV, 1972, p 21,23). Tradução nossa.

⁷ "Para começar, temos de considerar as relações do tempo real e tempo aparente para o marcador de prestígio no processo de mudança. Para o grupo de classificação mais elevada que demonstra maior segurança linguística, estas duas dimensões correspondem as mais fechadas. Os membros mais velhos da classe média alta tentariam preservar as suas velhas formas de prestígio como solidificadas relativamente cedo em seu desenvolvimento, e os membros mais jovens mostram a adaptação da mais nova forma de prestígio". (LABOV, 1972, p.134).

The great fluctuation in stylistic variation shows by the lower middle class, their hypersensitivity to stigmatized features which they themselves use, and the inaccurate perception of their own speech, all point to a high degree of linguistic insecurity these speakers. [...] The interaction of ethnic groups in New York city – Jews, Italians, blacks, and Puerto Ricans – is also reflected in these and other linguistic variables. (LABOV, 1972, p.112, 118, 132) ⁸

The pattern of variation is primarily of concern to linguistics and to students of the ethnography of speaking. However, it is closely associated with the pattern of social stratification which pervades many aspects of urban society. (LABOV 1972,p.112) ⁹

Outro fator também importante que influencia na linguagem é o local de origem do falante. Os dialetos rurais podem ser influenciados por dialetos urbanos em decorrência da migração dos falantes rurais para as ocupações urbanas, causando a mistura das variáveis de classe social e de grau de escolaridade.

Desse modo, para tratar a heterogeneidade, Labov considera que é necessário realizar a *pesquisa variacionista*, levantar dados em uma comunidade, que deverão ser analisados e quantificados estatisticamente para a confirmação das hipóteses. Para a realização da *pesquisa*, Labov destaca que é importante conhecer os métodos de investigação científica e uma série de princípios.

A quantificação dos dados e a análise da variável poderão ser realizadas por meio do programa VARBRUL, a partir do qual podemos obter as informações que serão posteriormente interpretadas. Pode ser que haja confirmação das hipóteses, ou não.

Segundo Labov, é necessário verificar o índice de frequência da variável com precisão, como podemos observar a seguir:

⁸ A grande flutuação na variação estilística mostrada pela classe média baixa, a sua hipersensibilidade por formas estigmatizadas, as quais eles mesmos usam e a percepção imprecisa do seu discurso apontam para um elevado grau de insegurança linguística desses falantes. [...] A interação de grupos étnicos na cidade de Nova York - judeus, italianos, negros, e Puerto riquenhos - também se reflete nestas e em outras variáveis linguísticas. (LABOV, 1972, p.112, 118, 132)

⁹ O modelo da variação é principalmente da preocupação de lingüistas e dos estudantes da etnografia da fala. No entanto, ela está intimamente associada com o modelo de estratificação social a qual preserva muitos aspectos da sociedade urbana. (LABOV, 1972, p.112)

The correct analysis of the linguistic variable is the most important step in sociolinguistic investigation. We want isolate the largest homogeneous class in which all subclasses vary in the same way. If we fail to do this, and throw together invariants subclasses, high frequency and low-frequency subclasses, our view of the sociolinguistic structures will be blurred. (LABOV, 1972, p. 72)¹⁰

Assim, os dados concretos levantados podem permitir melhor compreensão dos fenômenos linguísticos e o modo como eles se associam. Nessa perspectiva, à medida que a variação e a mudança linguística ocorrem, a língua continua estruturada. A língua varia e está sempre em processo de mudança, sofre alterações, mas nunca assumirá uma forma que viole os princípios universais.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam um estudo sobre variação e mudança linguística em grupos urbanos complexos. É um estudo inovador da linguística histórica baseado em fundamentos empíricos. Os autores apresentam observações sobre as teorias estruturais da língua, que sobrecarregaram a linguística histórica com muitos paradoxos, e que ainda não foram superados. Weinreich, Labov & Herzog resenharam e criticaram a tradição neogramática nos estudos da mudança linguística, a homogeneidade da língua, a obra de Hermann Paul (1880), as reflexões diacrônicas de Saussure (1916) e a linguística norte-americana inaugurada por Bloomfield (1933). “Apresentamos o agravamento do paradoxo no período Saussuriano, quando a homogeneidade da língua – considerada passível de ser encontrada no idioleto – foi formulada como pré-requisito para análise”. (WEINREICH, LABOV & HERZOG 2006, p.33).

Segundo Weinreich, Labov & Herzog, as teorias dos neogramáticos não tiveram sustentação empírica. Dessa forma, os autores apresentaram, a partir dos resultados empíricos alcançados, desafios opostos à linguística histórica. Eles resenharam aspectos centrais da

¹⁰ A análise correta da variável linguística é o passo mais importante na investigação sociolinguística. Nós precisamos isolar a maior classe homogênea, na qual todas as subclasses variam da mesma forma. Se não conseguirmos fazer isso, e jogar juntos invariantes das subclasses de alta frequência e de baixa frequência, a nossa perspectiva da estrutura sociolinguística será desfocada. (LABOV, 1972, p 72) Tradução nossa.

teoria de Paul Hermann, o isolamento do idioleto, apontando vários problemas e insuficiências. Os autores discutem também os *problemas de mudança de estrutura*, as implicações para o estudo das teorias que enfocam a língua como um sistema, como pode ser verificado abaixo:

Vimos que para Paul tanto para Saussure, a variabilidade e a sistematicidade se excluem mutuamente. Seus sucessores que continuaram a postular mais e mais sistematicidade na língua, ficaram ainda mais profundamente comprometidos com uma concepção simplista do idioleto homogêneo. Não ofereceram nenhum meio efetivo para constituir uma comunidade de fala a partir de vários desses idioletos, nem se quer para representar o comportamento de um único falante com diversos idioletos a sua disposição.[...] Os paradoxos foram sentidos intensamente. (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p.87).

Em consequência disso, os autores sistematizaram um conjunto de princípios para o estudo da mudança linguística fundado na aceitação da língua como um fenômeno heterogêneo. Weinreich, Labov & Herzog consideraram a *língua um sistema diferenciado*. Para eles, a questão fundamental é que a mudança estrutural não afeta a estrutura da língua, a língua continua estruturada enquanto vão ocorrendo as mudanças. Assim, consideraram indispensável construir uma teoria que rompesse com o axioma da homogeneidade, instalando em seu lugar o axioma da heterogeneidade ordenada e apresentaram um modelo que ainda hoje busca descrever a heterogeneidade ordenada dentro da língua e que evita os paradoxos.

Sugerimos que a solução para essa questão fundamental repousa na decisão de romper com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade. No lugar dela propusemos que uma explicação razoável da mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua. (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p. 88)

Os autores apresentam o modelo de estrutura linguística com alguns dos dados que o sustentam e expõem a fundamentação empírica do modelo em três subitens: 1) os dados empíricos obtidos pela geografia linguística; 2) os dados retirados dos estudos do contato das línguas e dialetos; e 3) os dados advindos do estudo sociolinguístico.

No primeiro item, os autores tomam como referência cinco problemas: a) os fatores condicionantes; b) a transição, ou seja, como uma língua pode ir de um estado a outro, c) encaixamento linguístico e social; ou seja, como a mudança se encaixa no sistema linguístico e social, d) avaliação; como os falantes avaliam a mudança, e c) implementação: porque a mudança ocorre em um dado momento em algum lugar.

No segundo item (sobre os estudos dialetológicos), os autores propõem aceitar a coexistência em uma comunidade, onde há duas formas: uma original e outra inovadora. Devido ao desfavorecimento da primeira em prol da segunda, é preciso explicar as condições estruturais e sociais.

No terceiro item, os autores sugerem romper com a homogeneidade e, no lugar dela, propõem que uma explicação razoável da mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua.

Desse modo, os autores esboçam uma estratégia para o estudo da mudança, que se alicerça sobre fundamentos empíricos. Segundo Weinreich, Labov & Herzog, a heterogeneidade pode ter um tratamento homogêneo, isolando cada sistema como um corpo coerente e integral. Eles consideraram indispensável incluir as variáveis diretamente dentro do sistema, e isso deve ser feito por meio da categoria criada pela sociolinguística. A variável linguística é entendida como um elemento variável interno ao sistema e controlado por uma única regra. Porém, os autores consideram indispensável também incorporar informações sobre encaixamento da mudança linguística na estrutura social, assim como podemos observar a seguir:

O lingüista pode abstrair um nível ou subsistema de um tal complexo sem perder qualquer informação necessária para a análise linguística, e diversos estudos que isolam um de vários desses sistemas conjuntamente disponíveis, foram empreendidos sob a suposição adicional de que a única base possível para descrição é um sistema homogêneo invariante.[...] Para dar conta dessa variação íntima é necessário introduzir outro conceito no modelo de heterogeneidade ordenada que estamos desenvolvendo aqui: a variável linguística – um elemento

variável dentro do sistema controlado por uma única regra. (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p. 103,105)

Cada subsistema é um conjunto coerente e integral de regras que afirma condições para a alternância. Embora essas regras possam ser muito complexas, elas não interferem no isolamento de um subsistema ou do outro. São regras correlacionadas que não podem ser misturadas aleatoriamente com as regras de um outro código ou sistema. Há transição de um sistema para outro e, nesse caso, é preciso determinar o valor da variável.

De acordo com Weinreich, Labov & Herzog (2006), a co-variação entre a variável e algum elemento oferece condição necessária para admitir tal unidade estrutural. As variáveis revelam uma complexa estrutura sociolinguística, na qual o valor das variantes é determinado por fatores sociais e linguísticos, e a interpretação dos dados depende da inteira estrutura sociolinguística.

1.4 Abordagem da Gramática Tradicional

As Gramáticas Normativas impõem regras para o funcionamento da regência dos verbos no Português Brasileiro, tais como: “**assistir**”, “**aspirar**” e “**visar**”. Segundo as Gramáticas, a regência verbal é a relação necessária que se estabelece entre o verbo e o seu complemento, podendo fazer-se, de acordo com o sentido, diretamente sem o auxílio da preposição e indiretamente com preposição. Esses verbos são transitivos quanto à predicação, porque exigem sempre o acompanhamento de um termo de valor substantivo para integrá-los o sentido, ou seja, selecionam seus complementos. E assim, as regras da regência funcionam de acordo com o regime ou transitividade. No regime direto, não se emprega a preposição *a* já no regime indireto, é obrigatório o emprego da preposição *a*.

Para melhor compreender a regência dos verbos, apresentamos, em seguida, a visão de alguns gramáticos sobre cada verbo, a saber: Cunha & Cintra (1999), Cegalla (1979), Rocha Lima (1978) e Bechara (2001). Iniciaremos a abordagem com a regência do verbo *aspirar*.

Na visão de CUNHA & CINTRA (1999); CEGALLA (1979); BECHARA (2001) e ROCHA LIMA (1978), o verbo *aspirar* no sentido de sorver, respirar é transitivo direto e pode ser empregado sem a preposição **a**, mas, com o sentido de pretender, desejar, exige obrigatoriamente a preposição **a** ou **por**, não admitindo a forma **lhe** ou **lhes**, mas somente a ele(s) ou a ela(s), conforme os trechos a seguir.

“**aspirar**” é transitivo direto quando significa sorver, respirar.[...] “**aspirar**” o ar lentamente. É transitivo indireto na acepção de pretender desejar. Nesse caso o objeto indireto vem introduzido pela preposição **a** (*ou por*) não admitindo a substituição pela forma pronominal *lhe* ou *lhes*, mas somente por **a** *eles* ou *a elas*. Ex: *aspirar* com ânsia à libertação. Aspiramos a uma terra pacífica. (CUNHA & CINTRA, 1999, p. 507)

“**aspirar**” – transitivo direto na acepção de sorver, tragar (ar, perfume, pó): “Calixto aspirou o perfume das flores”[...] Aspirou profundamente o ar cálido”. Transitivo indireto (prep. A) no sentido de desejar pretender. Eles aspiram a altas dignidades. Eu aspirava a uma posição mais brilhante... Nesse sentido o verbo “**aspirar**” não se constrói com os pronomes *lhe*, *lhes*, mas sim com as formas retas regidas de preposição [a ele(s) , a ela(s)] Não invejo essas honrarias nem aspiro a elas. (CEGALLA, 1979, p. 317)

“**aspirar**” pede objeto direto quando significa *sorver, chupar, atrair o ar aos pulmões*: Aspiramos o perfume das flores. No sentido de pretender com ardor, desejar pede complemento preposicionado: Ele aspirava a uma promoção. (Em tal caso não admite o seu complemento representado por pronome átono: jamais aspirou a ela (e não *lhe* aspirou) BECHARA, 2001, p.453)

“**aspirar**” – 1- Equivalendo a respirar, sorver: “Ergas aspirava o perfume dos seus cabelos” 2- Com a significação de pretender , desejar muito “ Não penso que ela aspirasse a algum legado”. Todos os seres aspiram à luz. “Aspiro para a felicidade” Não se diz aspiro-*lhe* e sim aspiro a ele(s) a ela(s). (ROCHA LIMA, 1978, p. 388,389)

Quanto ao verbo “*assistir*”, CUNHA & CINTRA (1999); CEGALLA (1979); BECHARA(2001) e ROCHA LIMA(1978) consideram que esse verbo é transitivo indireto quando quer dizer estar presente, presenciar e deve ser empregado com a preposição **a** para introduzir o seu complemento. Caso seja empregado com pronome de terceira pessoa, emprega-se a ele(s) ou a ela(s). Segundo os gramáticos, o verbo “*assistir*”, no regime indireto, não admite voz passiva. É indireto também quando significa favorecer, caber, podendo construir-se com a forma *lhe(s)* somente neste caso, por exemplo:

(1) Que direito *lhe* assistia de julgar jacinto? ¹¹

O comportamento do verbo “*assistir*” é assim apresentado pelos gramáticos:

Uma longa tradição gramatical ensina que esse verbo é transitivo indireto no sentido de estar presente, presenciar. Com tal significado deve o objeto indireto ser encabeçado pela preposição *a* e se for expresso por pronome de 3ª pessoa exigirá a forma *a eles(s)* *a ela(s)*. assim: *assisti a algumas touradas*. É transitivo direto na acepção de favorecer, caber direito ou razão de alguém, mas nesse caso pode construir-se com a forma pronominal *lhe(s)*[...]usa-se indiferentemente como transitivo direto ou indireto nos sentidos de acompanhar, ajudar, prestar assistência No sentido de morar, residir o locativo vem introduzido pela preposição *em*. (CUNHA & CINTRA, 1999, p. 508)

“*assistir*” – 1-Transitivo direto quando significa prestar assistência, confortar, ajudar, de acordo com a prática moderna. O médico *assistiu* o doente. Nessa acepção pode ser usado na voz passiva. O doente é *assistido* pelo médico. 2-Transitivo indireto (com a preposição *a*) no sentido de presenciar estar presente *a*. Algumas famílias *assistiam* ao espetáculo. Se o objeto for pronome pessoal não se usa as formas *lhe*, e *lhe(s)*, mas *aele(s)* *a ela(s)*[...] Nesta acepção o verbo “*assistir*” não admite voz passiva. Em vez de “A festa foi *assistida* por altas autoridades” prefira dizer “À festa “*assistir*”am altas autoridades.” 3- Como transitivo indireto usa-se também no sentido de caber. Não *lhe* assiste o direito de oprimir os outros. 4- Constrói-se, mas raramente com a preposição *em* no sentido de morar, residir. (CEGALLA, 1979, p. 317,318)

“*assistir*” pede complemento preposicionado iniciado pela preposição *a*, quando significa “estar presente *a*”, “presenciar”. Ontem *assistimos* ao jogo. Não pude “*assistir*” *a* ele (e não *lhe* pude “*assistir*”). No sentido de ajudar, prestar socorro ou assistência, servir, acompanhar pede indiferentemente objeto direto ou

¹¹ Exemplo extraído de CUNHA 1999, p. 509

complemento preposicionado. Dessa maneira o objeto pode ser substituído por pronomes. O médico o assistiu. O médico lhe assistiu. No sentido de “morar, residir” constrói-se com a preposição em. No sentido de “assistir” o direito pede complemento preposicionado de pessoa. *Não lhe assiste o direito de reclamar.* (BECHARA, 2001, p. 453)

Possui esse verbo várias acepções. 1- Sentido de estar presente a, ser espectador de, presenciar. (“assistir” a esse capítulo vivo do nosso evangelho)[...]Se for pronome pessoal o complemento não se admitirá a forma lhes, senão a ele(s) a ela(s). 2- Sentido de competir, caber (direito ou razão a alguém). “O direito que assiste ao autor”. Tem cabimento nesse caso a forma pronominal lhes. “Nem lhe assistiam razões”. 3- No sentido de servir de ajudante a alguém, acompanha-lo. “assistir” o príncipe. 4- Sentido de prestar socorro a um doente...usa-se indistintamente com objeto direto (“assistir” um doente) ou com complemento precedido de a (“assistir” a um doente)...A substituição do complemento se faz, pois, pelas formas o(s) a(s) ou lhes. 5- Sentido de ajudar, proteger alguém. “Nas justas intenções o assiste Jove”.[...]Alguns autores contemporâneos se tem servido da construção “assistir” em (= morar), tão querida dos clássicos... “Onde o poeta assiste”. (ROCHA LIMA, 1978, 389, 390,391)

Com relação ao verbo “visar”, de acordo com os gramáticos já anunciados, esse verbo é transitivo direto quando o sentido a ser transmitido é de apontar uma arma ou por o visto e, nesse sentido, dispensa a preposição **a**. Por exemplo:

(2) “visar” um diploma.¹²

Mas, no sentido de ter em vista, pretender, objetivar, segundo os gramáticos, o verbo é transitivo indireto, devendo ser empregado com a preposição **a**. Por exemplo:

(3) Não devemos “visar” apenas ao progresso material.¹³

Nessa última acepção, não é condenável o emprego desse verbo sem a preposição, como fazem os escritores modernos. E quanto ao padrão estabelecido sobre ao emprego da

¹² Exemplo extraído de ROCHA LIMA, 1979, p. 415

¹³ Exemplo extraído de CEGALLA, 1998, p. 448

preposição **a** na regência do verbo “**visar**”, no sentido de objetivar e ter em vista, até os gramáticos são flexíveis quanto ao emprego da preposição **a**.

“**visar**” é transitivo direto nas acepções de: a) mirar, “apontar arma de fogo” visando o alvo... b) dar ou por o visto em algum documento. “**visar**” um passaporte. “**visar**” o diploma... No sentido de ter em vista, ter por objetivo, pretender, pode construir-se; a) com objeto indireto introduzido pela preposição **a**. Ex: Não visava a lucros. B) Com objeto direto: concentro-me sem “**visar**” nenhum objeto. Essa revolução visa derrubar as oligarquias. (CUNHA & CINTRA, 1999, p.524)

“**visar**” – Na acepção de ter em vista, pretender, objetivar, rege objeto indireto (preposição **a**) Não devemos “**visar**” apenas ao progresso material... Entretanto nessa última acepção não é sintaxe condenável dar ao verbo “**visar**” objeto direto conforme o fazem escritores modernos. (CEGALLA, 1979, 327,328)

“**visar**” no sentido de mirar, dar o visto em alguma coisa, pede objeto direto. No sentido de pretender, “**aspirar**”, propor-se, pede de preferência complemento preposicionado iniciado pela preposição **a**. Modernamente já se constrói o verbo, nesse sentido, sem preposição. (BECHARA, 2001, p. 459)

“**visar**” – 1- Como transitivo direto quer dizer: apontar, mirar, dar o visto em alguma coisa. Ex: “**visar**” um diploma. 2- no sentido de ter em vista, um fim, pretender, deve empregar-se de preferência com a preposição **a**, posto que se amiúdem, na linguagem contemporânea, os exemplos com objeto direto. Ex: e se por acaso visa algum bem será unicamente o seu próprio bem. (ROCHA LIMA, 1978, p. 415)

Como se pode observar, os gramáticos não condenam o emprego do verbo “**visar**”, no sentido de ter em vista sem a preposição **a**, mas também não o recomendam.

1.5 A Gramática dos Princípios e Parâmetros

Em uma abordagem gerativista, alguns autores investigam o emprego da preposição **a**, introdutora de complemento verbal, na caracterização de objeto indireto. Entre esses autores estão Morais (1999), que analisa o comportamento da preposição **a** entre os constituintes da sentença na caracterização do objeto indireto; Oliveira (1999), que aborda a perda da preposição **a** no Português Brasileiro em contextos de adjuntos e complementos e a

sua função na atribuição de Caso; Ramos (1992), que analisa a marcação de Caso acusativo e dativo pela preposição **a** no Português Brasileiro e, por fim, Stowell (1981), que apresenta o estatuto argumental da preposição **a** que introduz o constituinte.

1.5.1 A Preposição **a** e a caracterização do objeto indireto

O objeto indireto (OI), no Português Brasileiro (PB), tem sido analisado como variante na sua função gramatical e vem mostrando a imprecisão das descrições tradicionais, no que diz respeito tanto ao estatuto da preposição **a**, que introduz o constituinte, quanto à sua caracterização, NP¹⁴ ou PP e seu estatuto argumental.

Segundo Morais (1999), a imprecisão ocorre devido aos diferentes recursos sintáticos que surgiram na língua para a expressão das relações entre os constituintes da sentença como a ordem das palavras e o enriquecimento funcional das preposições. Os recursos sintáticos surgiram com a perda da morfologia dos Casos, que levaram as preposições a assumirem valores das formas casuais das declinações. Essas mudanças gramaticais criam problemas para os gramáticos preocupados em descrevê-las nos moldes clássicos.

Desse modo, os termos tradicionais como nominativo, acusativo e dativo passaram a ser entendidos como *variantes* das relações gramaticais, tais como: sujeito, objeto direto e objeto indireto.

No caso do OI a imprecisão das descrições tradicionais tem sido notável no que diz respeito ao estatuto da preposição que introduz o constituinte quanto a sua caracterização como sintagma nominal (NP) ou sintagma preposicional (PP) e o seu estatuto argumental. (MORAIS, 1999, p.1).

¹⁴ NP = Nominal Phrase. Em Português, Sintagma Nominal. PP = Prepositional Phrase. Em Português, Sintagma Preposicional..

Morais (1999) apresenta critérios mais exatos para a caracterização do objeto indireto que só poderá ser realizada levando em conta o estatuto argumental da preposição **a** e o contexto da estrutura argumental do predicador como fenômeno de subcategorização verbal¹⁵.

Na perspectiva gerativista, as funções gramaticais são definidas a partir da posição estrutural que as categorias gramaticais (NP, VP¹⁶, PP) ocupam na frase, conforme a relação de dominância. Mas a função do objeto indireto não é definida exclusivamente de acordo com a posição e pode ser considerada como objeto de preposição nos moldes das funções oblíquas.

[...] a função do objeto indireto não se tem como lhe atribuir um estatuto teórico, uma vez que a mesma não é definida em termos exclusivamente posicionais, mas sim como objeto de preposição nos moldes das funções oblíquas, embora distinta no que diz respeito a teoria temática. O fato de a caracterização do OI não se reduzir a termos posicionais, leva, portanto, a necessidade de assumir outros critérios que permitam determinar a função. (RAPOSO 1992, p. 82 apud MORAIS, 1999, p. 1)

Segundo Moraes, para descrever o OI, é preciso considerar a caracterização da função gramatical, que só poderá ser realizada se se levar em conta o contexto da estrutura argumental do predicador como o fenômeno da subcategorização verbal, que envolve noções de transitividade e de intransitividade.

[...] a noção de estrutura argumental e a subcategorização verbal permite entrever que os laços que unem os constituintes são de diferente natureza, ou seja, alguns são mais íntimos, outros mais externos, levando a necessidade de se distinguir com base em critérios formais os complementos dos adjuntos. Em seguida é importante reconhecer o argumento não posicional na descrição gramatical do OI, a saber: a cliticização ou substituição do DP-OI pela forma dativa do clítico, no caso da 3 pessoa, o pronominal *lhe*, *lhes*. Com a associação entre a forma pronominal dativa e a função objeto indireto, é possível identificar complementos indiretos de verbos como: *dar*, *oferecer* etc. dos complementos oblíquos de verbos como; *gostar*, *“assistir”* etc. Nesta perspectiva o clítico *lhe* torna-se uma peça importante para o

¹⁵ Para atingir a projeção máxima um núcleo seleciona um complemento e especificador. MIOTO 1999, p.65.

¹⁶ VP = Verbal Prhase. Em Português, Sintagma Verbal.

estudo do objeto indireto nos contextos de complementação verbal. (MORAIS, 1999, p. 1,2)

Conforme Morais, o fator intimamente relacionado à caracterização do OI é a delimitação do estatuto da preposição *a*. Mas isso só poderá ser entendido, levando-se em conta o clítico *lhe* e o fenômeno do redobro do clítico. Segundo a autora, o *lhe* cliticiza o NP introduzido pela preposição *a*.

A autora acrescenta ainda que, nos estudos gramaticais do Português Brasileiro, ocorrem problemas na utilização de critérios para determinar o estatuto da preposição *a*, porque deixa de ser feita a distinção entre a preposição *a* plena e a preposição *a dummy*, especializada em marcar OI. A preposição *a* plena possui conteúdo semântico e introduz complementos oblíquos ou adjuntos circunstanciais variados, tais como:

(4).a José reagiu ao ataque.¹⁷

b. José vai a São Paulo.

A preposição *a dummy* é vazia de conteúdo semântico e lexical e introduz objetos indiretos em sentenças como:

(5) José abraçou ao pai.¹⁸

Observa-se que *a* preposição *plena* expressa o papel temático¹⁹, enquanto a preposição *dummy* não o expressa e, na ausência da preposição *dummy*, o sentido não muda. Ela apenas visualiza o papel temático expresso pelo verbo. Desse modo, a caracterização do

¹⁷ Exemplos extraídos de MORAIS 1999, p. 4 e 5

¹⁸ Exemplo extraído de MORAIS, 1999, p. 5

¹⁹ Papel temático se refere às informações de sentido

OI pode estar relacionada ao estatuto da preposição, às propriedades do verbo e à estrutura argumental do predicador. Morais questiona a afirmação de Bechara (2000), uma vez que, para ele, o OI em alguns verbos ocorre regido obrigatoriamente pela preposição **a** e não **para**. A autora argumenta que os termos usados pelo gramático na descrição do OI tomam como base os fatos do (PE) português europeu, deixando de contemplar os fatos do (PB).

Para a autora, alguns trabalhos sobre o PB atual mostram a tendência em substituir a preposição **a** por **para** com os verbos ditransitivos de transferência ou movimento. Além disso, o clítico dativo *lhe* tem sido substituído pelo oblíquo *a ele/ a ela*, o que não se verifica no PE. Mateus & alii (1991) definem o objeto indireto:

Por sua vez, Mateus e alii definem OI como o argumento de verbos de dois ou três lugares, tipicamente com a função sintática de recipiente, alvo ou meta, fonte ou origem e experienciador. Na maioria dos casos tem o traço [+animado] e é cliticizado por *lhe*. Observemos seus exemplos: a) o miúdo deu o brinquedo ao amigo) o miúdo deu-lhe o brinquedo. c) O menino obedece ao pai. d) O menino obedece-lhe. O constituinte OI aparece pronominalizado na forma dativa, com uma marcação morfológica única para terceiras pessoas: *lhe / lhes*. Com base em Mateus & alii, vamos assumir que a substituição do objeto indireto pelo dativo *lhe* constitui o teste de identificação mais preciso para isolar a função de OI. De fato enquanto a preposição **a** não é exclusiva dos OIs, o clítico *lhe* não pode estar associado com complementos preposicionados. (MORAIS 1999, p. 5).

Desse modo, o complemento preposicionado de verbos como “**assistir**”, gostar, não pode ser substituído pelo dativo *lhe* para a identificação do OI. Já que a preposição **a** não é exclusiva dos OIs, o clítico *lhe* não pode estar associado a esses complementos preposicionados.

(6).a. João gosta da Maria.

b. O João *lhe* gosta²⁰

²⁰ Exemplos extraídos de MORAIS 1999, p. 5 e 6

Mateus & alii fazem ainda uma distinção entre OI e funções sintáticas oblíquas. As funções sintáticas oblíquas são argumentos opcionais ou nucleares, dependendo da natureza do predador, e expressam uma variedade de relações semânticas, entre elas, a de instrumento, comitativo, benefactivo, tempo, duração, frequência, locativo, situacional, direcional, causa, fim.

(7) O meu amigo pintou esse quadro *para* a Maria.²¹ (benefactivo)

Os constituintes oblíquos são regidos por uma preposição que marca sua função semântica e os verbos que determinam esse esquema são, em geral, verbos com regência preposicional e seleccionam preposições como: por, de, em e com, como, por exemplo, em: confundir com, partilhar com, afastar de, aproximar de, converter em, substituir por.

Finalmente, a autora observa que os chamados complementos oblíquos podem ser comutados pelas formas pronominais ele, ela, eles, elas introduzidos pelas respectivas preposições.

(8)a. Todos gostam do artista.

b. Todos gostam dele²²

(9)a. Os turistas **assistiram** à opera.

b. Os turistas **assistiram** a ela.²³

²¹ Exemplo extraído de MORAIS, 1999, p. 6

²² Exemplos extraídos de MORAIS, 1999, p. 6

²³ Exemplos extraídos de MORAIS, 1999, p. 6

Da mesma forma, verbos como chegar, ir, vir, viver, morar selecionam OBL e podem ser comutados por advérbio de lugar.

(10)a. O José chegou de São Paulo

b. O José chegou de lá²⁴

Com isso, o redobro do clítico é um argumento fundamental para a afirmação de que a preposição **a** marca OI. O redobro do clítico é feito na presença dos pronomes oblíquos.

(11) Dei-lhe o livro a ela.²⁵

Segundo Moraes, no PE, o estatuto categorial do objeto indireto se define como NP ou (PP), que está relacionado ao papel atribuído à preposição **a**, introdutora obrigatória do constituinte. A autora conclui que o português e o espanhol se identificam no emprego do *lhe* e da preposição **a** como identificadores do objeto indireto.

Suñer (1988) estuda o comportamento dos PPs e NPs no espanhol e conclui que os OIs não são PPs, mas NPs. Um dos seus argumentos tomam como base os papéis temáticos considerando-se que o papel temático do NP introduzido pela preposição é determinado por esta preposição. A preposição **a** não altera o papel temático atribuído pelas preposições plenas aos seus argumentos, o que evidenciaria o seu estatuto de preposição semanticamente vazia. (MORAIS 1999, p. 8).

No PB, além da baixa produtividade do *lhe*, ainda há alteração do uso do *lhe*, que se apresenta não mais como forma de terceira pessoa, mas como forma de segunda pessoa, ao lado de *a você* e, portanto, fica restrito à função oblíqua.

²⁴ Exemplos extraídos de MORAIS, 1999, p. 7

²⁵ Exemplo extraído de MORAIS, 1999, p. 7

Segundo Morais, no PB, o OI passou a ser analisado como um oblíquo, mesmo quando introduzido por **a**. Os dados do PE mostram que o uso da preposição **a** e a cliticização pelo *lhe* estão em estreita correlação. Se uma for possível, a outra também o será. A alternância entre *lhe* e a forma <a+ NP> é bastante reveladora nos processos formais que envolvem o OI no PE.

A autora considera ainda que o estudo do sistema pronominal é um aspecto marcante que separa hoje o PB da variante européia, o que permite observar que são duas gramáticas distintas, como podemos verificar em:

A gramaticalização da forma *você* como pronome pessoal de segunda pessoa em substituição ao *tu* na maioria das variedades do PB leva a uma quebra da associação entre pronome e flexão verbal a qual perde a propriedade de identificar sujeito nulo referencial, ou seja, deixa de existir uma correspondência perfeita entre as pessoas do pronome e as pessoas do verbo. De fato embora sob o aspecto nocional, a forma *você* se refira a segunda pessoa leva o verbo para a terceira e co-ocorre com os possessivos, e os pronomes átonos, dativos e acusativos de terceira pessoa. (MORAIS, 1999, p.14)

Morais considera que a noção de Caso sintático²⁶ é relevante para a distribuição e interpretação dos DPs²⁷. A marcação de Caso nos DPs é um fenômeno universal, ou seja, não está presente apenas nas línguas que o manifestam morfologicamente, como o latim. Em línguas como o português, o espanhol, e outras, os DPs recebem Caso abstrato na sintaxe, independentemente da manifestação morfológica. O Caso nominativo manifesta-se na presença de verbo finito, o Caso acusativo, como argumento interno de verbos transitivos e o Caso oblíquo em DPs manifesta-se em complementos de preposição.

Desse modo, esses Casos são considerados Casos estruturais, mas existem enormes divergências quanto ao Caso dativo. O Caso dativo é inerente ao verbo como uma

²⁶ Caso é uma categoria da gramática que tem tradição, mas que não retém sentido uniforme na teoria linguística MIOTO 1999, p. 111 e 112. Caso abstrato se refere a uma categoria gramatical sintática e não semântica, e escreve-se sempre com a primeira letra maiúscula.

²⁷ DPs - Determiner Phrase. Sintagma Determinante

propriedade lexical que está restrita à atribuição de uma função semântica ou temática, ou seja, associada a papéis temáticos específicos. Consequentemente, a preposição **a**, nos contextos dativos, será entendida como um mero marcador de Caso inerente, uma vez que o papel temático é atribuído pelo verbo.

1.5.2 A função da preposição “a” introdutora de complemento

Em uma abordagem gerativista, Oliveira (1999) analisa a *mudança* no emprego da preposição **a** introdutora de complementos e cita alguns trabalhos que têm abordado a *perda da preposição a* no Português Brasileiro, entre eles os trabalhos de Berlink (2000), Scher (1996), Gomes (1998), Duarte e Gonçalves (2001) e Ramos (1989 1992). Para a autora, esses trabalhos contribuíram para a análise do apagamento da preposição **a** e para a explicação da sua função, que está relacionada com as teorias de Caso²⁸ e papel temático, desenvolvidas pela gramática gerativa.

Segundo Oliveira, na gramática gerativa, há distinção entre Caso abstrato²⁹ e caso morfológico. Em relação ao Caso abstrato, todo NP lexical deve receber Caso.

Conforme a autora, há quatro formas de atribuir Caso abstrato: a) a flexão verbal atribui caso nominativo ao NP sujeito; 2) a preposição atribui Caso obliquo a seu complemento e nomes e; 3) adjetivos atribuem Caso genitivo ao NP que os segue. Os Casos nominativos e acusativos são independentes da atribuição. Os *casos obliquos* e genitivos são casos inerentes e estão associados à atribuição de papel temático. Desse modo, o NP recebe papel temático e Caso do mesmo elemento.

²⁸ A teoria do Caso compreende um único princípio, o filtro de Caso. [...] O filtro de Caso provoca todo tipo de arranjo na sentença para que lhe seja garantido um Caso. MIOTO 1999, p.115 e116. Papel temático se refere às informações de sentido.

²⁹ Caso abstrato se refere a uma categoria gramatical e caso semântico se refere ao sentido.

Oliveira apresenta uma análise da preposição **a** como introdutora de complementos verbais no português. Há três linhas de análise de acordo com os seguintes autores: 1) a preposição **a** tem conteúdo lexical e, como tal, atribui papel temático ao argumento selecionado pelo verbo (SHER, 1996); 2) a preposição **a** é uma preposição *dummy*, portanto, não atribui papel temático. Sua função é de atribuir caso *dativo* ao argumento selecionado pelo verbo e trata-se de um caso atribuído figuracionalmente (FIGUEIREDO; SILVA, sd); 3) a preposição **a**, que introduz objeto direto preposicionado, é um marcador *dummy* e tem a função de atribuir o Caso (RAMOS 1989, 1992).

Oliveira observa em suas pesquisas a ausência da preposição **a** no emprego de verbos dativos, conforme se pode observar em (23).

(12) O motivo da venda há de agradar ao comprador.³⁰

(13) O motivo da venda não desagradará o comprador.

Segundo a autora, os verbos que selecionam um só argumento interno apresentam variação no uso da preposição **a** e, nesse caso, verifica-se a *presença e ausência* da preposição **a**. Isso se justifica pela teoria do Caso. Esse tipo de verbo pode atribuir Caso diretamente ao NP e, assim, a preposição não é crucial para a atribuição do Caso acusativo.

(14) Não *desagradará* o comprador.

(15) *Aspiro* que os brasileiros consultem suas consciências.

Segundo Oliveira, quando o argumento interno dos verbos não é substituível por *lhe*, a presença da preposição **a** é categórica. E, quando o argumento não pode ser cliticizável, ele

³⁰ Os exemplos 30, 31, 32 e 33 foram extraídos de OLIVEIRA, 1999, p. 11 e 12.

retém a mudança. Para a autora, a monoargumentalidade³¹ é um fator relevante para o apagamento da preposição. Conforme a autora:

A realização zero com verbos monoargumentais se justifica pela teoria do Caso. Sendo o verbo monoargumental em termos de argumento interno, ele pode atribuir caso ao NP, portanto a preposição *a* não é crucial para a atribuição do Caso. (OLIVEIRA, 1999, p. 12)

Oliveira conclui que há dois tipos de mudança em relação à preposição *a*, valor meta:

a) substituição lexical: *a* em / *a* para (na posição de adjunto e na posição de complemento; b) gramaticalização: apagamento da preposição (dativos, causativos/perceptivos) e objeto direto preposicionado, como se verifica em:

A gramaticalização (apagamento da preposição) ocorre na posição de complementos e nas construções perceptivas causativas. ...Na posição de complemento o apagamento da preposição ocorre com estruturas monoargumentais e biargumentais”...A mudança é condicionada pelo número de argumentos do verbo (objeto indireto) seja pela adjacência ou fixação de ordem dos constituintes sentenciais (NP sujeito das infinitivas). (OLIVEIRA, 1999, p. 12)

Desse modo, a ausência da preposição *a* introdutora de objeto indireto, a apassivação desses verbos e a presença de clíticos acusativos³² levam o objeto indireto a ser analisado como objeto direto.

O apagamento da preposição *a*, introdutora de objeto indireto, leva a reanálise da função sintática: o objeto indireto passa a ser analisado como objeto direto, o que se contata pela apassivação e pela presença de clíticos acusativos. Isso significa que a preposição nula não tem o papel de dar Caso ao NP. (OLIVEIRA, 1999, p. 23)

A preposição não é crucial na atribuição do Caso ao NP, e os traços semânticos (as propriedades) do verbo determinam a atribuição do Caso ao NP.

³¹ Verbos que selecionam um só argumento interno.

³² Pronomes clíticos que marcam caso acusativo. Ex: *o/os, a/as*.

1.5.3 A Variação sintática e a estrutura de complementação

Ramos (1992) analisa a preposição **a** em acusativos preposicionados, não preposicionados, dativo típico e objeto duplo como etapas de um processo de marcação de Caso por meio da preposição **a** no PB. A autora descreve a presença e a ausência da preposição **a** nesses contextos como variação sintática.

(16) Eles teriam credibilidade para agradar o empresário.³³

(17) Plínio agradeceu a um eleitorado que não é o seu.

A variação da preposição não altera o papel temático atribuído ao SN, e os SNs sublinhados são substituíveis por clítico acusativo.

(18) a. Ele renunciou ao cargo

b. Ele lhe/o renunciou.

(19) a. Ele obedece ao chefe

b. Ele lhe/o obedece.

A pesquisa de Ramos mostra que a variação da preposição **a** em complementos verbais do Português Brasileiro (PB) atual indica mudança em vias de se completar.

[...] na língua escrita e no estilo cuidado, verbos como agradar e atender apresentam uma frequência relativamente alta da variante [+a]. Outro fato é que as gramáticas normativas do português mesmo as mais recentes recomendam a forma [+a] com verbos “**visar**”, “**assistir**” e obedecer, e apresentam construções em que se observam usos obrigatórios de objeto direto preposicionado. [...] Se a mudança já se completou, por que ainda haveria referências ao fenômeno nas gramáticas e sua obrigatoriedade em certas construções (como coordenação com clítico e a recomendação de seu uso no estilo formal? (RAMOS, 1992, p. 64)

³³ Os exemplos em 16, 17, 18 e 19 foram extraídos de RAMOS, 1992, p. 60 - 63

Segundo Ramos, a preposição **a**, tanto em dativos como em acusativos preposicionados, tem sido analisada como marca de Caso.

A presença de preposição com dativos tem sido analisada como marca de Caso, tal como a que precede NPs acusativos.[...] as formas com preposição ou sem preposição não conduzem à alteração do papel temático atribuído ao NP objeto, podendo por isso ser tratada como variação. Em situações de teste estas construções deverão encontrar um índice de aceitação maior entre os jovens do que entre os idosos. (RAMOS, 1992, p. 82)

Matos e Duarte (1984) argumentam que **a** é uma marca de Caso, porque diferentemente de *para*, pode ocorrer em reduplicação de clítico. Logo, **a** não rege seu complemento, enquanto *para* rege o complemento. Outra evidencia é que **a** introduz o NP, embora esse NP seja regido por adjunto.

(20) Esse livro é útil ao Pedro.³⁴

Do mesmo modo que adjunto, um verbo que subcategorize, reja e atribua Caso a um sintagma objeto indireto, usa o marcador Casual **a** como materialização do dativo. Em estágios anteriores da evolução do Português a utilização deste marcador casual é igual a do acusativo atribuído pelo verbo a SNs objetos diretos [+ humanos]. (MATOS e DUARTE, 1984, p. 502)

Em síntese, tanto **a** quanto *para* no PE marcam Caso, uma vez que não regem seu complemento.

Ramos observou que em contextos em que a preposição poderia ser descrita como marca de Caso, em acusativos ou dativos alguns fatores internos podem estar relacionados com a variação da preposição **a**.

Para definir os fatores internos a serem testados na análise variacionista, parti de uma noção central da teoria de Caso: a condição de adjacência (Stowell,

³⁴ Exemplo extraído de RAMOS, 1992, p. 227.

1981). Grosso modo, esta condição prediz que um NP, para receber Caso de V, precisa estar adjacente a V e ser regido por esta categoria. (RAMOS,1992, p.85)

De acordo com Ramos, os fatores condicionadores da preposição **a**, como marca de Caso, nos complementos verbais podem ser: a) posição do NP em relação ao verbo; b) adjacência: distância entre o verbo e o NP; c) elementos que se interpõem entre o V e o NP objeto; d) realização lexical: NP quantificado, pronome, nome próprio e outros; e) animacidade do NP objeto e NP sujeito; f) tipos de oração e; g) tipos de verbos.

1.5.4 A estrutura de complementação e a posição da variável

Os complementos verbais, tanto em dativos como em acusativos preposicionados, no PB, se realizam por meio da preposição **a**, um processo que pode ser descrito como marcação de Caso através de **a**. No acusativo preposicionado, o Caso é atribuído pela flexão para uma posição regida e não marcada tematicamente, a saber a posição de especificador (Spec de V') além disso, o Caso tem relação com propriedades semânticas do sintagma (NP) objeto. A preposição **a** que realiza dativo indica uma posição estrutural em que o NP objeto não pode receber Caso do verbo. O Caso se realiza através da flexão, com o auxílio da preposição **a**, independentemente das propriedades semânticas do NP.

Ramos analisa a marcação de Caso acusativo e dativo no PB e descreve a estrutura de complementação e a posição da variável. A autora correlaciona NP acusativo preposicionado com NP acusativo não preposicionado e NP dativo típico com NP objeto duplo.

Nos acusativos preposicionados, o mecanismo responsável pela inserção de **a** tem sido atribuído a propriedades semânticas do NP, a propriedade de subcategorização do verbo e a atribuição casual. [...] a presença da preposição **a** introduzindo NPs acusativos tem sido analisada como fenômeno de periferia. (RAMOS, 1992, p. 213)

Para Ramos, acusativos preposicionados são sintagmas nominais formados por preposição **a** e NP e podem ser parafraseados através de clíticos acusativos (o/os, a/as).

(21) Convidamos a todos para a festa³⁵

A preposição **a** é obrigatória quando há coordenação com clítico.

(22) a. Ele me convidou e a você também

b. Ele me convidou e você também

A preposição é obrigatória também em construções interrogativas, relativas e topicalizadas quando o sujeito é vazio.

(23) a. [A quantos de vocês], viram na festa

b. [Quantos de vocês], viram [e], na festa.

A preposição é opcional quando o NP é quantificado ou é um quantificador universal.

(24) a. Encontrei a todos os alunos

b. Não encontrei a ninguém

A preposição é excluída quando o NP não é quantificado.

(25) a. Eu encontrei ao João

³⁵ Os exemplos de (21) a (29) foram extraídos de RAMOS, 1992, p. 214-229.

b. *Eu vi ao João

Segundo Ramos, a realização de Caso pela preposição **a**, no espanhol, em acusativos e dativos está relacionada à presença de clíticos acusativos, em construções com reduplicação de clítico.

(26) a. Lo vimos a el.

b. Vimo-lo a ele

Segundo a autora, Borer (1984) afirma que a inserção da preposição **a**, embora seja um mecanismo de atribuição de Caso, o filtro de Caso é uma condição de boa formação morfológica e não interage com considerações semânticas determinadas no componente da forma lógica. A atribuição de Caso então é vista como transferência de um traço flexional.

(27) a. Vimos una casa

b. Lo vimos

c. Lo vimos a Juan

d. Vimos a Juan.

Em (27.a) o traço de Caso é transferido do verbo para o NP. Em (27. b) e (27. c) o traço de Caso é incorporado ao clítico. E em (27. d) o traço de Caso do verbo não é atribuído e a preposição **a** atribui caso dativo ao NP.

Conforme Ramos, é importante considerar a caracterização de **a** como traço flexional (funcional) e a conclusão de que a preposição **a** que marca dativo e a que marca acusativo seriam da mesma natureza, como se observa abaixo:

[...] ou a inserção de **a** não depende de propriedades semânticas do NP; ou a posição de especificador de IP torna visível a propriedade semântica que fica obscurecida quando o NP ocupa posição de objeto e não recebe **a**. Em outras palavras, **a** é um traço funcional. [...] seria oportuno lembrar que o Caso dativo também se realiza através da preposição **a** e que independentemente das propriedades semânticas do NP, o Caso dativo sempre se realiza através de **a**. A presença de **a** indica sempre uma posição estrutural em que o NP em questão não pode receber Caso de V. (RAMOS, 1992, p. 225).

Nas estruturas de complementação dos acusativos preposicionados, o NP objeto ocupa posição de especificador (Spec de V'). O NP objeto é movido para essa posição marcada com Caso, pela flexão, a categoria funcional (I)³⁶, para atender ao filtro de Caso. A categoria flexional é que rege e atribui Caso para a posição Spec de V'.

Argumentei a favor de que a estrutura de complemento verbal apresentaria o NP objeto em posição Spec de V'. O movimento do NP para tal posição “**visar**”ia a atender ao filtro de Caso. Em outras palavras, a posição Spec de V' seria marcada com Caso e não-temática. (RAMOS, 1992, p. 228).

A inserção da preposição **a** ocorreria também para salvar estruturas com especificador (Spec) não disponível, bem como nas estruturas com clítico, ou para evitar o movimento do NP, quando tal movimento fosse implicar violação de outros princípios da gramática.

- (28) a. A quantos jogadores iniciantes derrotaram nas olimpíadas?³⁷
b. Quantos jogadores iniciantes derrotaram [e] nas olimpíadas?
c. Quantos jogadores iniciantes derrotamos nas olimpíadas?

Segundo Ramos, no PB atual a preposição **a** é opcional em alguns casos.

³⁶ I = Flexão

³⁷ Exemplos extraídos de RAMOS, 1992, P. 228 e 229.

(29) a. Nós abraçamos a todos

b. Nós abraçamos ao João³⁸

Quando o NP é quantificado, a preposição **a** é opcional, como mostra a boa formação de (29.a) em contraposição a (29.b). Segundo Ramos, as duas sentenças seriam mal formadas na estrutura S, porque a posição de “sujeito” de V’ não seria preenchida. Mas, o contraste de gramaticalidade leva a ver que a sentença (29.b) pode ser “salva”:

Como os NPs objeto se apresentam em posições diferentes apenas no nível da forma lógica, pode-se concluir que é neste nível que a diferença entre as sentenças se estabelece. Os NPs quantificados submetem-se a regra do movimento do quantificador, no nível da forma lógica. Esta regra faz com que os NPs em questão sejam movidos para uma posição de adjunção a CP ou a IP. [...] O NP todos estando em adjunção a IP poderia vincular uma categoria vazia na posição de complemento de V. (RAMOS 1992, p. 286)

Conforme Ramos, a estrutura (29.b) seria mal formada, porque o NP “João” preposicionado não seria identificado como complemento do verbo.

A posição objeto direto preposicionado é uma posição [+ Caso – temática] e essas posições aparecem preenchidas na forma lógica por um NP temático. Segundo a autora, a má formação de (29.b) leva a concluir que não há movimento de aNP para a categoria vazia [e]³⁹.

Não é possível movimento, porque a [e] está na posição Spec, posição impossibilitada de movimento. “A boa formação de (39.a) indica que o NP tem de c-comandar a categoria vazia[e] para salvar a sentença. Parece que a [e] e aNP estabelecem uma relação anafórica. Como no PB V’ é barreira à extração a aNP preposicionado, não pode c-comandar [e].”.(RAMOS, 1992, p. 287).

³⁸ Exemplos extraídos de RAMOS, 1992, p. 235.

³⁹ [...] [e] é uma posição marcada com Caso, o movimento do NP visa a atender ao filtro de Caso. RAMOS 1992, p. 234.

Ramos (1992) conclui que a inserção de **a** em acusativos preposicionados é independentemente motivada, o clítico seria apenas um dos fatores e não o único que impediria o movimento do NP para a posição Spec de V'. A autora assume que V não atribui Caso e que esse atrelamento entre atribuição de Caso e atribuição de papel temático é problemática. A suposição de que V não atribui Caso parece permitir tratar adequadamente as construções de acusativo preposicionado.

1.5.5 A preposição *dummy*

O estatuto argumental da preposição *dummy* é um fator importante na realização de Caso, como introdutora de constituinte. Como vimos, de acordo com Oliveira (1999) e alguns autores gerativistas, a preposição **a** introdutora de complemento é uma preposição *dummy*, uma preposição vazia, que não tem núcleo lexical, ou seja, ela apenas realiza o Caso e não atribui papel temático⁴⁰.

Segundo Stowell (1981), a preposição *dummy* é um elemento marcador de Caso entre o objeto e a regência do verbo, sendo inserida para atribuir Caso ao NP, e o papel temático é atribuído pelo verbo. A atribuição de Caso e o papel temático são ambos diretos eo papel temático é atribuído conforme a condição.

Algumas regras de atribuição de Caso devem ser aplicadas se o critério *theta*⁴¹ estiver sendo satisfeito. “Rather, the dummy preposition of assigns Case to these NPs. “For this

⁴⁰ Informações referentes ao sentido.

⁴¹ Critério *theta* : Cada argumento tem que receber um e um só papel temático. (ii) Cada papel temático tem que ser atribuído a um e um só argumento. MIOTO 1999, p.96.

reason, the adjacency condition holds between the object and its dummy Case-marker, rather than between the object and the governing verb”. (STOWELL, 1981: p.126).⁴²

O marcador *dummy* é funcional e os núcleos funcionais se distinguem pela sua incapacidade de (s-selecionar)⁴³, isto é, de não selecionar semanticamente argumentos. Ao selecionar o seu complemento, o núcleo funcional apenas tem em vista a (c-categoria) categoria estrutural ou gramatical à qual deve pertencer. Portanto, a preposição *a dummy* c-seleciona⁴⁴, ou seja, atribui Caso estrutural a seus argumentos. A preposição *dummy* tem função eminentemente gramatical, de modo saliente, e não atribui papel temático ao NP objeto.

Dessa forma, a preposição funcional *dummy* não tem conteúdo semântico, diferente do outro tipo de preposição *a*, plena, que possui conteúdo lexical (semântico) e tem a função de atribuir o papel temático.

1.5.6 Considerações Finais

É importante ressaltar que a variação da preposição *a* introdutora de complemento dos verbos “assistir”, “aspirar” e “visar” parece não ser aleatória. Como vimos, há fatores condicionadores internos que motivam a ausência da preposição *a* nesses contextos, tais como: formas de complemento; adjacência, sintagma, presença de clíticos acusativos, a ordem dos constituintes e os tipos de verbos. Além disso, é preciso considerar também que o

⁴² Certamente, a preposição *dummy* atribui Caso a estes NPs. Por esta razão, a condição de adjacência se detém entre o objeto e o marcador de Caso dummy, e certamente entre o objeto e a regência do verbo . (STOWELL, 1981, p.126). Tradução nossa.

⁴³ As informações relativas à s-seleção codificam o que é chamado de papel temático. (MIOTO 1999, p. 89)

⁴⁴ Marcação de Caso gramatical. São informações relativas à categoria gramatical e não semântica.

estatuto argumental da preposição **a** está relacionado a sua variação, uma vez que é uma preposição (*dummy*) funcional, que não atribui papel temático, apenas marca Caso.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Introdução

Neste capítulo apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados na realização da pesquisa. Para investigar esse fenômeno apoiamos-nos no modelo teórico metodológico da sociolinguística variacionista, que assume a correlação entre o uso e a estratificação social. Desse modo, apresentamos a caracterização da pesquisa, o cenário, as questões a serem respondidas, as hipóteses que nortearam o nosso trabalho, os objetivos e o envelope da variação.

2.2 Caracterização da pesquisa

Neste trabalho foram desenvolvidos dois tipos de pesquisa, uma pesquisa teórica e uma documental. Na pesquisa teórica foram tratados todos os conceitos envolvendo a sociolinguística laboviana, a gramática gerativa e a gramática tradicional. A pesquisa documental foi realizada nos seguintes jornais: Folha de São Paulo, Estado de Minas, O Estado de São Paulo e O Globo.

2.3 Cenário da Pesquisa

A pesquisa obedeceu a três etapas: na primeira etapa foi realizada uma pesquisa de campo e levantamento preliminar dos dados nos jornais.

Na segunda etapa foi realizada a pesquisa documental, por meio do levantamento dos dados empíricos para a investigação da variação. Percebemos grande número das variantes, ausência e presença da *preposição a*, nas formas verbais em estudo. Em seguida, foram formuladas questões que nos instigaram mais ainda para a realização desta pesquisa, e foi realizada a seleção e organização dos dados.

Na terceira etapa foi realizada a quantificação e análise dos dados, a fim de verificar o índice de frequência da variável, para possível confirmação das hipóteses. A quantificação realizada apresentou os valores percentuais e a atuação dos grupos de fatores.

2.4 Perguntas de pesquisa

De acordo com o levantamento dos dados nos jornais, observamos o aparecimento das novas formas sintáticas dos verbos: “**assistir**”, “**aspirar**”, “**visar**”, no regime direto, substituindo aquelas preconizadas pelas gramáticas tradicionais. Os verbos vêm sendo utilizados sem o auxílio da preposição **a** gerando questões como:

a) Por que os usuários da língua com escolarização superior completa empregam esses verbos nos grandes jornais do Brasil, sem a preposição **a**, em contextos que exigem a sua presença?

b) Qual a função da preposição **a** nas estruturas ao introduzir complementos dos verbos “**assistir**”, “**aspirar**”, “**visar**”?

- c) As formas de complemento do verbo, animacidade do sintagma, adjacência, infinitivo e PRO estão relacionadas com o emprego variante da preposição **a**?
- d) O argumento interno destes verbos pode ser retomado por clítico acusativo?

2.5 O corpus

Para a realização desta pesquisa utilizamos o seguinte *corpus* da língua escrita do Português Brasileiro: os jornais O Globo, Estado de Minas, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. Os jornais foram pesquisados no período de 2006, 2007 e 2008.

2.6 Hipóteses

Foram postuladas as seguintes hipóteses:

- 1) O fator adjacência do complemento contribui para o apagamento da preposição **a**, nas formas verbais.
- 2) O fator animacidade do sintagma favorece a ausência da preposição **a**.
- 3) A presença de infinitivo no complemento colabora com a ausência da preposição **a**.
- 4) PRO favorece a ausência da preposição **a** em complementos com infinitivo.

2.7 Objetivos

2.7.1. Objetivo geral: investigar o comportamento da preposição **a** com estruturas sintáticas dos verbos; “**assistir**”, “**aspirar**”, “**visar**”.

2.7.2. Objetivos específicos:

Analisar se a adjacência do complemento contribui para a ausência da preposição **a**.

- Verificar se o complemento verbal com sintagma nominal favorece o apagamento da preposição **a**.

Verificar se o infinitivo no complemento verbal favorece a ausência da preposição **a**.

2.8 O envelope da variação

Variável dependente:

Ausência

Ex.: A capacitação técnica **visa** [] o aprendizado. (A 27 EM Prazer em Ajudar)⁴⁵.

Presença: Ex.: Como quase ninguém **assistirá** a bela imagem da TV digital. (A112

FSP)

Grupos de fatores:

Grupo 1 – Formas de complemento

Infinitivo

0 – Jorge **visa** evitar a turbulência política (A 38 ; FSP)

1 – [...] métodos **visando** a medir de forma acurada a quantidade de ar...

Sintagma nominal

0 – **Assistir** televisão pode funcionar... (A 3; EM)

⁴⁵ Todos os exemplos obedecem à seguinte convenção: A= amostra, número seguinte= número da amostra; EM = Estado de Minas; FSP = folha de São Paulo; ESP = Estado de São Paulo, G = O Globo.

1 - **Assistindo** à televisão na casa da irmã. (A 10 ; ESP)

Pronome

0 – [...] para poder **assistir** em meu aparelho de DVD...(A55;FSP)

1 – [...] onde o povo **assiste** a tudo de pertinho. (A104; G)

Clítico acusativo

0 – [...]receber os filmes no dia 20 para terem tempo de **assisti**-los. (A 370; FSP)

1 – Não houve ocorrência

Grupo 2 – Posição

Não adjacência do complemento

0 – O Brasil **assistirá** dentro de quinze dias o surgimento de uma nova geração[...](A53:FSP).

1 – [...] os alunos **visam** somente ao que é pragmático...(A 22; EM)

Adjacência do complemento

0 – [...] aquelas que **assistiram** desenhos animados...(A 5 ; EM)

1 – [...] desistindo de **assistir** à Copa América...(A 36; EM)

Grupo 3 – Traço animacidade

Sintagma nominal [+ animado]

0 – [...] para **assistir** a Mallu Magalhães...(A710; ESP)

1 – Andréia batista **assistiu** à filha Aline sofrer com dores [...] (A529;FSP)

Sintagma nominal [– animado]

0 – [...] a **aspirarem** os mesmos objetos...(A18: EM)

1 – **Aspiro** a um ano novo de pássaros orquestrados. (A16; EM)

Grupo 4 - Jornais

O Globo

- 0 - Dias atrás, **assistimos** um evento muito interessante. (A588; G)
- 1 – [...] os estudantes **assistem** a palestras sobre diversas carreiras. (A587;G)

Folha de São Paulo

- 0 - como assistente financeiro, **assiste** aulas à noite (A 57; FSP)
- 1 – No sábado fui **assistir** à etapa de Los Angeles... (A 21; FSP)

Estado de Minas

- 0 – **Assistir** televisão pode simplesmente desviar a atenção. (A19 ; EM)
- 1 – **Assistir** a filmes, acessar a internet. (A41; EM)

O Estado de São Paulo.

- 0 – [...] Petrobras **visa** prioritariamente estratégias integradas. (A 11; ESP)
- 1 – Histórias amorosas quase sempre frustradas a que **assiste**. (A14; ESP)

Grupo 5 – Cadernos dos jornais

Economia/Política

- 0 -[. . .]A aquisição **visa** reforçar a posição da Nike no mercado...(A264;ESP)
- 1 – Quando **assistimos** a empresas líderes [...] (A506; EM)

Cultura

- 0 – depois **assistiria** o destroçado Napoleão [...] (A 590; EM)
- 1 – Quer **assistir** de graça ao show [...] (A106 G)

Esportes

- 0 – **Assista** em 150 polegadas o Brasileirão na sua TV. (A353; FSP)
- 1 – **Assisti** ao jogo duas vezes... (A34; EM)

Internacional/Nacional/Mundo/País/Opinião

0 – [...] **visando** a conferência de paz de novembro...(A198; FSP)

1- ...para **assistir ao** funeral de Pavarotti...(A305;FSP)

Educação/ Cotidiano/ Caderno D+

0 –Entre os danos **assiste** um espraiamento da anomia social...(A334; FSP)

1 – ...**Assistir ao** jogo entre São Paulo e Figueirense...(A107; FSP)

Ilustrada

0 – e a gravação do que se está **assistindo** [...] (A48; FSP)

1 – Nós três **assistimos aos** filmes [...] (A44;FSP)

Folhinha/Publi-folha/Gurilândia

0 – [...] **visam** levar ajuda a pessoas carentes [...] (A511;EM)

1 -[...] os melhores lugares para **assistir às** paradas [...] (A505;FSP)

Prazer em Ajudar

0 - ...trabalhos que **visam** a formação profissional...(A26;EM)

1- Não houve ocorrência

Turismo/Viagem

0 –[...] ocupação de 100%, **visando** custo operacional mínimo...(A436;FSP)

1-[...] pensam em **assistir a** uma exibição de tango...(A547;G)

Informática/Tecnologia

0 –[...] um projeto **visando** negócios [...] (A7; FSP)

1 – alguma vez na vida provavelmente já **assistiu ao** vídeo [...] (A503;FSP)

Bichos/Agropecuário

0 – A medida **visa** aperfeiçoar a base de dados...(A593;EM)

1 – [...] e **visa à** consolidação de Minas Gerais...(A592;EM)

Direito e Justiça

0 – [...] **visando** sempre um lucro comum...(A243;EM)

1- [...] **visando** à qualidade de seu serviço...(A562; EM)

Imóveis /Negócios/Emprego

0 – [...] o processo que **visa** selecionar 48 mil profissionais [...] (A240;EM)

1 – Não houve ocorrência

Arte e Lazer

0 – filtro [...] que **visa** evitar que coágulos [...] (A258; ESP)

1 – Não houve ocorrência

Cidades

0 – Ronaldo foi **assistir** no maracanã o jogo entre...(A692;ESP)

1 – Nelson Piquet o pai vai **assistir** a uma corrida do filho...(A693;ESP)

Caderno 2

0 – [...] alguém a quem é permitido **assistir**[...]. (A481;ESP)

1 – [...] e a comunidade **visando** ao atendimento [...] (A483;ESP)

Bem Viver/ Vida &/ Equilíbrio/Comida

0 – [...] estudos que **visam** desenvolver novos medicamentos. (A676;ESP)

1 – As aulas **visam** ao ganho de força muscular [...] (A654; EM)

TV/ TV e Lazer/Ambiente

0 – Espera-se que adultos **assistam** para matar saudades [...] (A299;ESP)

1 – [...] **Assistir** às versões nacionais de atrações internacionais. (A302;ESP)

Pensar/Espaço Aberto/ Alias / Notas

0 – **Aspirava** seu personagem de o apanhador [...] (A17;EM)

1- [...] **assistir** passivamente à deterioração das contas externas [...] (A576;ESP)

Grupo 6 – Voz passiva

Sim

0 – Foi uma das 10 atrações mais **assistidas** pelo público.(A4; EM)

1 – Não houve ocorrência

Não

0 – [...] quando realmente gostou do que **assistiu** [...] (A518;EM)

1- [...] público que **assistia** ao desfile com aplausos [...] (A52; FSP)

Grupo 7 – PRO

Sim

0 – **visavam** implantar a ditadura do proletariado [...] (A39;EM)

1 - Abordagem neocolonial, **visando** a gerar benefícios [...] (A732; ESP)

não

0 – [...] mandamento que não **visa** a proteção total [...] (A563;EM)

1 – Iniciativas **visando** ao bem comum [...] (A653;EM)

Grupo 8 – Verbos

Visar

0 – [...] oito pessoas **visando** a preparação do estádio [...] (A89;G)

1 – [...] visando ao interesse social..(A321;G)

Assistir

0 – [...] podendo ter opção de **assistir** a programação da Globo...(A610;ESP)

1- Mas muitos moradores **assistiram** à cerimônia das janelas [...] (A486;FSP)

Aspirar

0 – [...] e **aspira** um lugar na União Européia ...(A248;EM)

1- [...] somente por quem **aspira** ao ideal de uma democracia [...] (A275;EM)

2.9 Considerações Finais

Neste capítulo foram apresentados os procedimentos metodológicos que nortearam a proposição dos fatores de variação, com o objetivo de investigar a presença e ausência da preposição **a** com os verbos “**visar**”, “**assistir**” e “**aspirar**” no Português Brasileiro escrito. Além disso, é necessário esclarecer que os dados não foram investigados em termos de pesos relativos, porque, subjacente à utilização dos fatores, está a manutenção da decisão apresentada em Tarallo, Kato et alii 1989:38-39, a saber:

Conscientes e cientes da querela e do impacto das críticas de Lavandera [...] ao modelo variacionista, e norteados por uma previsível e quase fatalística virada no modelo laboviano [...], decidimo-nos, mesmo assim, por um tratamento quantitativo da ordem sintática do Português falado, atendo-nos principalmente à distribuição de dados (nesse sentido valendo-nos essencialmente de percentagens) e considerando os grupos de fatores como meros organizadores do universo da amostra analisada, e não como pesos probabilísticos para a explicação da variável dependente: [...] (TARALLO, KATO et alii 1989, p. 38 e 39).

CAPÍTULO 3

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Introdução

Neste capítulo apresentaremos a discussão e análise dos resultados do cruzamento da variável dependente com os grupos de fatores já apresentados no capítulo anterior. A quantificação dos dados foi realizada por meio do pacote VARBRUL, um conjunto de programas estatísticos computacionais e método analítico quantitativo. O método quantitativo forneceu medidas dos efeitos das variantes sobre a ocorrência da realização da variável, as porcentagens e frequências.

3.2 Distribuição das variantes

O *corpus* que compreende os dados compôs-se de 734 amostras na língua escrita, e o percentual de presença e ausência distribuiu-se conforme o gráfico 1⁴⁶ a seguir:

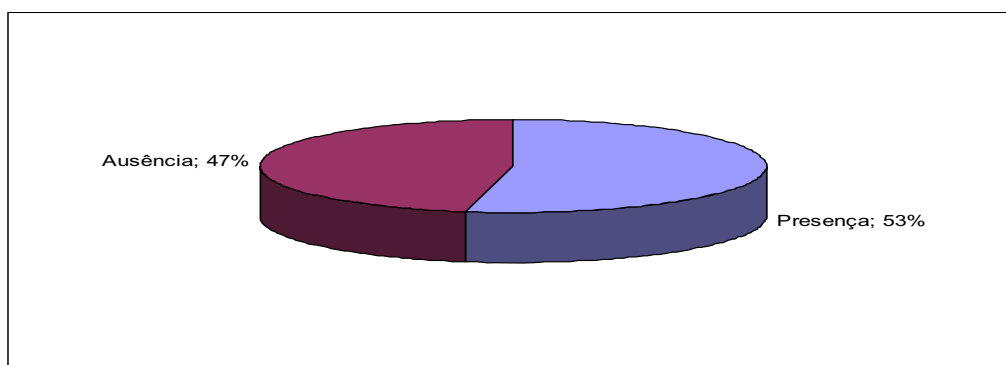


GRÁFICO 1 - Presença e ausência da preposição **a** no Português Brasileiro escrito.

⁴⁶ Os dados referentes aos gráficos contidos neste capítulo encontram-se em tabelas no Anexo 1.

Os resultados apresentados no Gráfico 1 revelam que a presença e ausência da preposição ocorrem de forma equilibrada 53% de presença e 47% de ausência. É interessante observar que, apesar de a norma padrão exigir a presença da preposição **a** nos contextos analisados, veículos de comunicação que, em princípio, deveriam adotar a norma padrão, não o fazem em quase 50% das situações.

Em relação à distribuição da variável dependente nos jornais, observa-se que a variação significativa ocorreu apenas no jornal Estado de São Paulo, que é considerado um jornal mais conservador do que os outros. O Gráfico 2 a seguir apresenta essa distribuição.

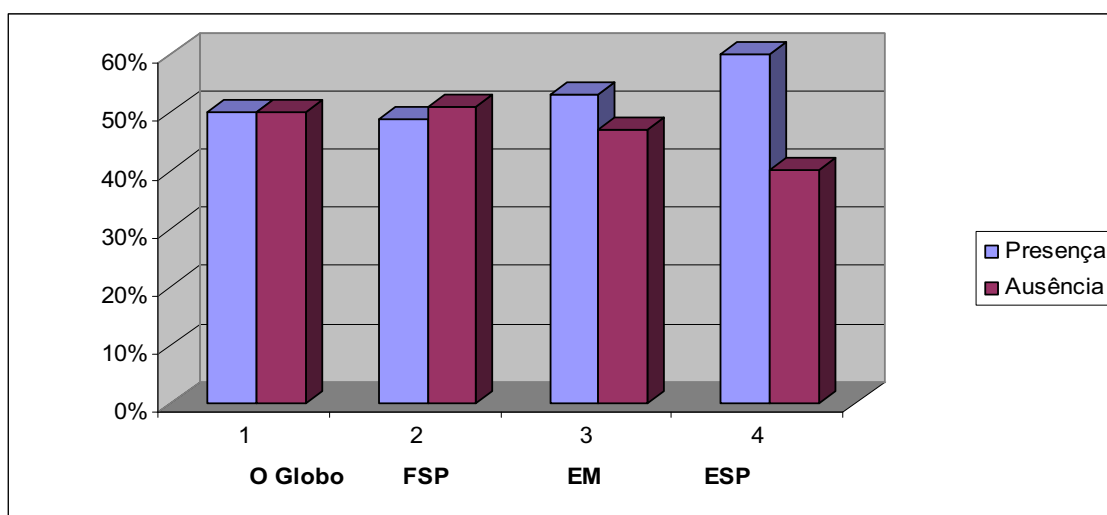


GRÁFICO 2 - Variável dependente x tipos de jornais

Os dados do Gráfico 2 mostram que, no jornal ESP, ocorreu 60% de presença da preposição e 40% de ausência. No entanto, os outros jornais apresentaram um índice equilibrado de ausência e presença da preposição, não havendo, portanto, variação significativa.. A FSP apresentou índice de 49% de presença e 51% de ausência; o jornal O Globo apresentou índice de presença de 50% e 50% de ausência e o EM apresentou 53% de presença e 47% de ausência.

3.3 Cruzamento das variáveis com os grupos de fatores

3.3.1 Formas de Complemento

As formas de complemento dos verbos “visar”, “assistir” e “aspirar” foram postuladas, a fim de contrapor as variantes quanto ao emprego da preposição **a**, para possível confirmação das hipóteses levantadas.

Essas formas (infinitivo, sintagma nominal, pronome e clítico acusativo) foram cruzadas com os seguintes grupos de fatores: posição; adjacência e não adjacência do complemento, animacidade do sintagma nominal, presença ou ausência de PRO; ocorrência de voz passiva, tipos de jornais e tipos de cadernos.

Os Gráficos 3a e 3b, a seguir, apresentam os resultados do cruzamento.

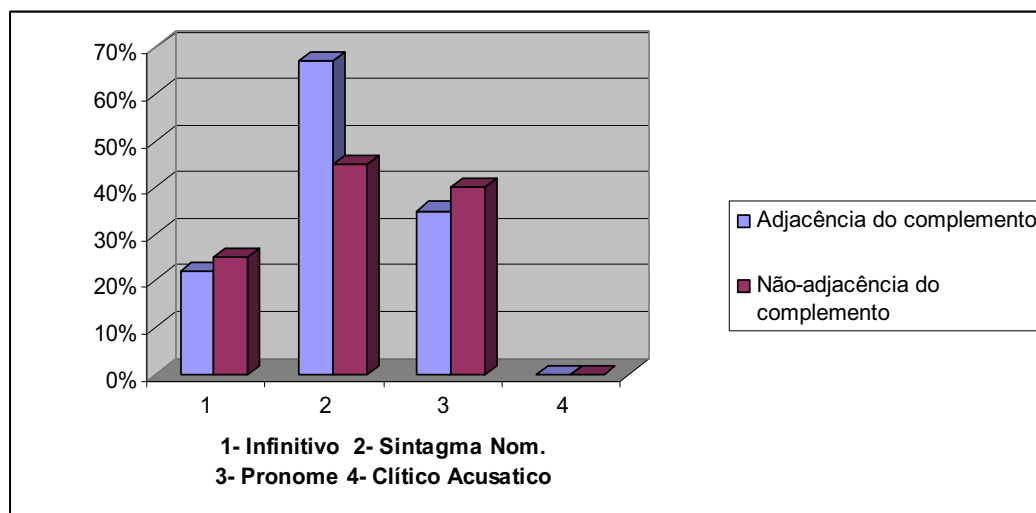


GRÁFICO 3.a - Presença da preposição x Formas de complemento x Posição

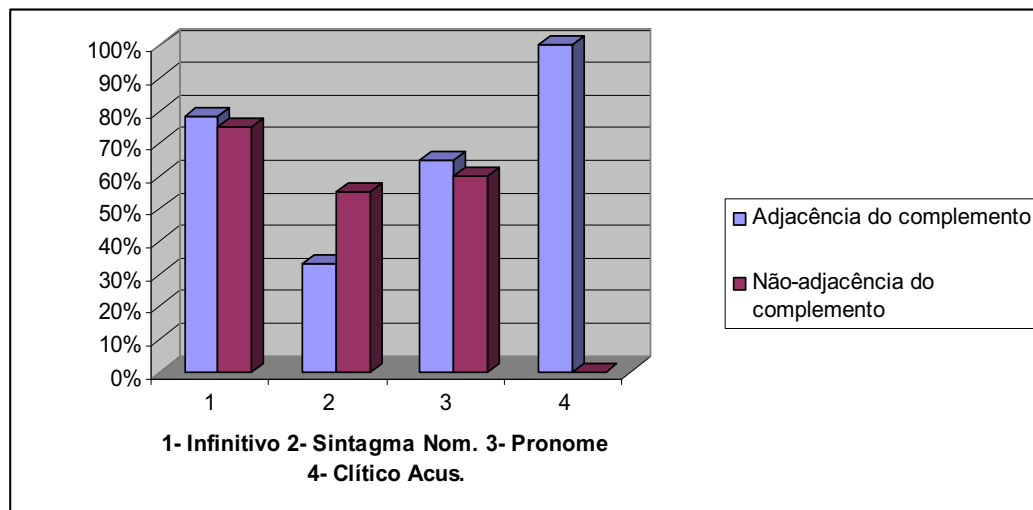


GRAFICO 3.b - Ausência da preposição x Formas de complemento x Posição

Conforme o Gráfico 3a, observamos que o infinitivo com adjacência apresenta 22% de presença e com não adjacência 25%; o pronome com adjacência 35% e com não adjacência 40%; o clítico não ocorre e o sintagma nominal com adjacência apresenta índice de presença de 67%, enquanto não adjacência apresenta índice de presença de 45% de presença. Assim, observa-se índice equilibrado do infinitivo e pronome e o índice de presença é relevante com adjacência do complemento e sintagma nominal,

Conforme o gráfico 3.b o fator adjacência com clítico apresenta índice 100% de ausência da preposição. Já o sintagma nominal apresenta índice de ausência com não adjacência de 55% e com adjacência 33%. Mas, observa-se que o infinitivo com adjacência apresenta 78% de ausência e não adjacência 75% de ausência, e o pronome apresentou índice de ausência de 65% com adjacência e 60% com não adjacência. Desse modo, o gráfico 3.b mostra que o fator adjacência e não adjacência apresenta índices equilibrados da ausência da preposição com infinitivo e com o pronome. E os índices relevantes são do sintagma nominal com não adjacência e o fator adjacência com clítico acusativo.

De acordo com os dois gráficos acima podemos observar os índices de presença e ausência da preposição. O fator adjacência com infinitivo apresenta 22% de presença e 78% de ausência e uma diferença de 56 pontos percentuais; com o pronome apresenta 35% de

presença e 65% de ausência e uma diferença de 30 pontos percentuais; com o clítico 100 pontos percentuais de ausência. Já o sintagma nominal apresenta 67% de presença 33% de ausência e uma diferença de 34 pontos percentuais.

Com o fator não adjacência os percentuais em relação à ausência foram: o infinitivo apresentou 20 pontos percentuais; o sintagma 10 pontos percentuais; o pronome 20 pontos percentuais, e o clítico não ocorreu com o subfator não adjacência.

Desse modo, os resultados desses gráficos corroboram a hipótese de que as formas de complemento com clítico, infinitivo e pronome favorecem a ausência da preposição.

Esses dados correspondem às afirmações de Ramos (1992). Segundo a autora, o NP dativo quando adjacente a V pode não ser preposicionado. A preposição ocupa uma posição de especificador, Spec de V', uma posição não temática, que recebe Caso estrutural de AGR-O flexão. “Do ponto de vista descritivo, tem-se que o NP dativo aparece adjacente a V sem preposição. [...] A ausência da preposição decorre da posição estrutural que o NP ocupa: NPs em posição Spec não são preposicionados. RAMOS (1992, p. 265).

As formas de complemento apresentam também variação de acordo com o traço animacidade do sintagma; SN [+ animado] e SN [- animado], como se verifica a seguir:

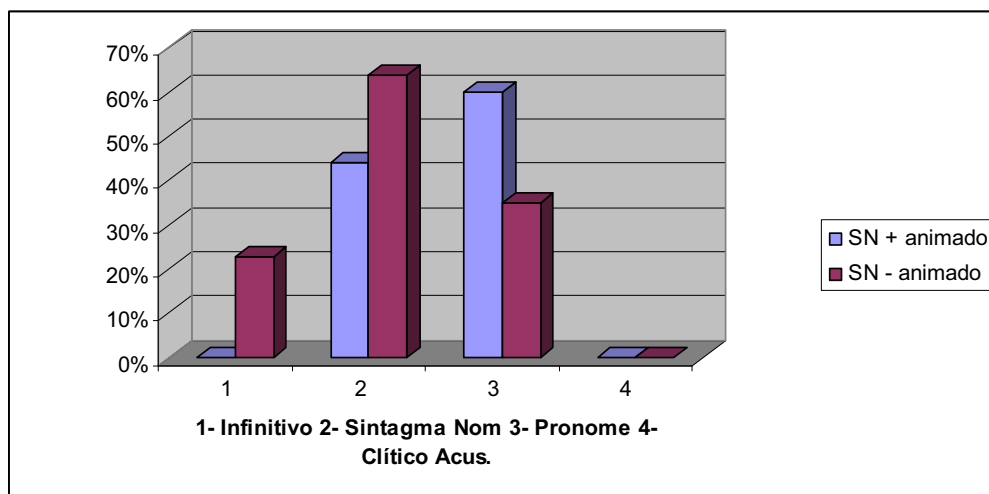


GRAFICO 4.a - Presença da preposição x Formas de complemento x Traço animacidade

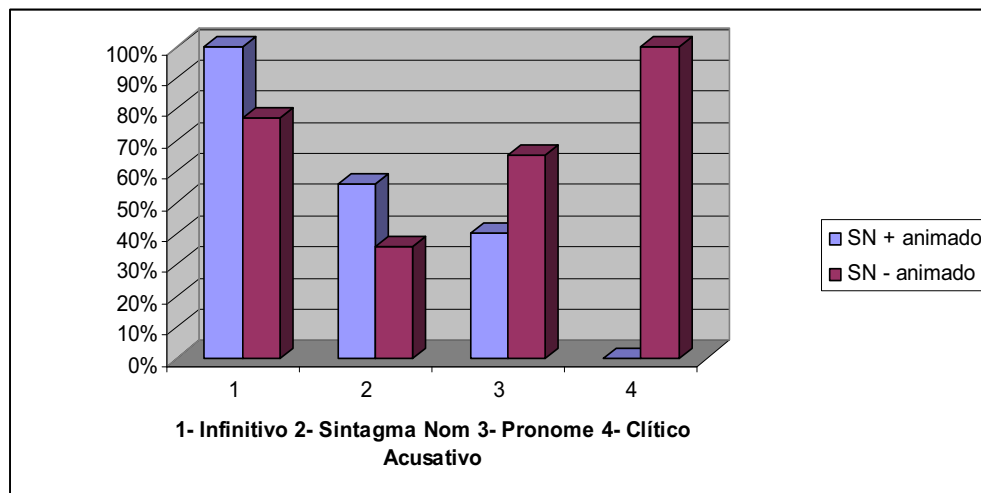


GRAFICO 4.b - Ausência da preposição x Formas de complemento x Traço animacidade

De acordo com o Gráfico 4.a, o sintagma nominal com SN [- animado] apresenta 64% de presença, enquanto o sintagma com SN [+ animado] apresenta 44% de presença. O pronome apresenta 60% de presença com SN[+ animado] e 35% de presença com SN [-animado]. Em seguida o infinitivo apresenta 23% de presença com SN [-animado] e 0% com SN [+animado]. Observa-se que esses índices de presença são relevantes com o traço animacidade do sintagma SN[+animado] .

No gráfico 4.b observamos que a variação com o SN [-animado] com clítico acusativo apresenta 100% de ausência da preposição. O infinitivo apresenta 100% de ausência com SN [+ animado], em 2 ocorrências no total, e com SN [- animado] o infinitivo apresenta 19/23% de presença e 65/77% de ausência. O pronome com SN [-animado] apresenta maior índice de ausência da preposição com 65% de ausência e 35% de presença. Observa-se que os índices de ausência da preposição são significantes com o traço animacidade SN [- animado].

De acordo com os dois gráficos, as formas de complemento apresentam os índices de presença e ausência da preposição de acordo com o traço animacidade do sintagma. Quanto à ausência, o SN [- animado] o infinitivo apresentou 54 pontos percentuais; o clítico 100 pontos percentuais, e o pronome 30 pontos percentuais. E o complemento com sintagma nominal e

SN[+animado] apresenta 44% de presença e 56% de ausência uma diferença de 12 pontos percentuais para presença, um índice equilibrado da variação.

Observa-se que os índices mais relevantes são de ausência do SN [-animado] com infinitivo, clítico e pronome. Já o sintagma nominal com SN [+animado] apresenta um índice equilibrado da variação e com SN [-animado] apresenta índice relevante de presença.

As formas de complemento foram analisadas também de acordo os jornais. O clítico acusativo e o infinitivo e o pronome apresentaram índices da variação da preposição **a**, como se verifica a seguir:

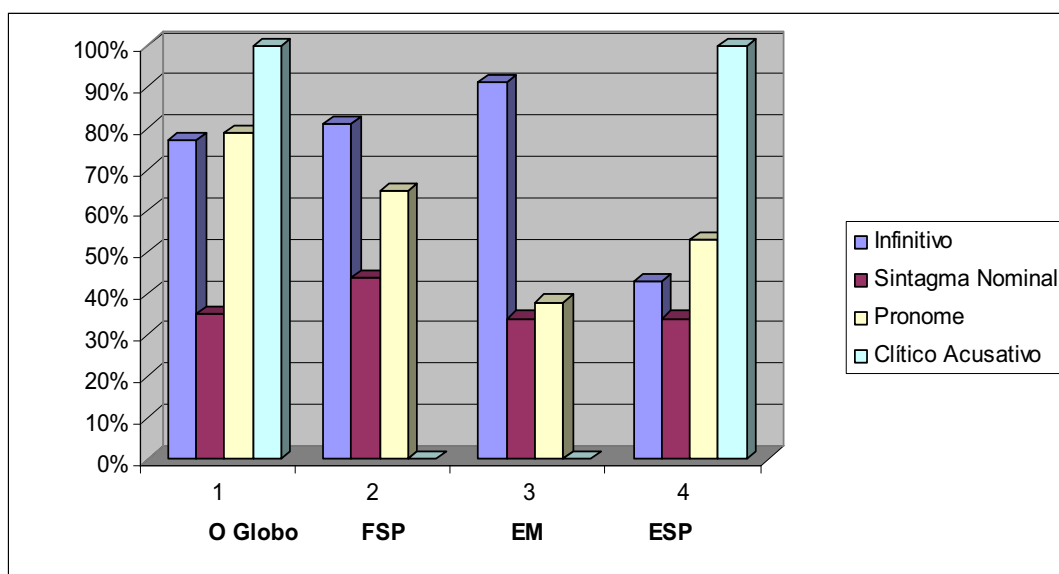


GRAFICO 5.a - Ausência da preposição x Formas de complemento x jornais

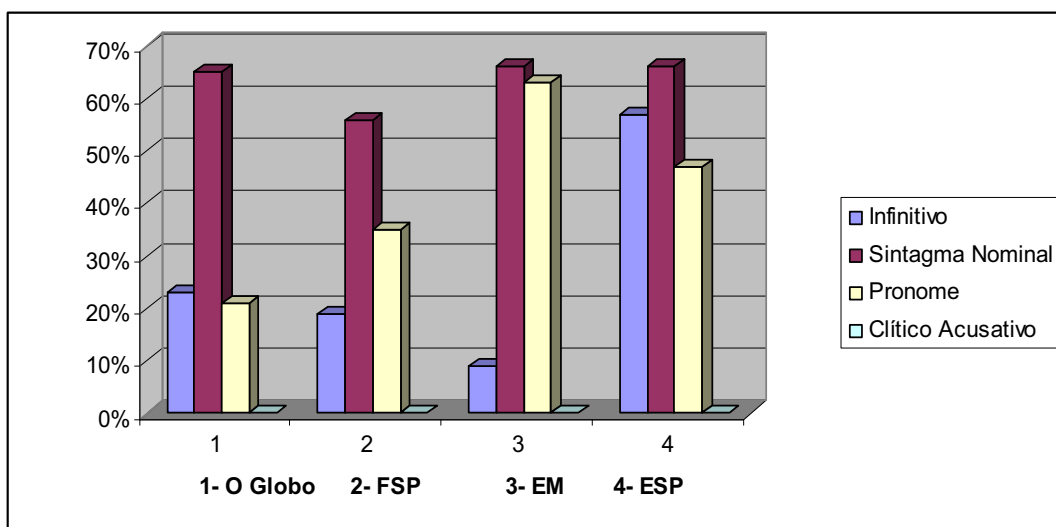


GRAFICO 5.b - Presença da preposição x Formas de complemento x Jornais

De acordo com o Gráfico 5a, os índices de ausência com as formas de complemento são significativos nos jornais. O infinitivo como complemento apresenta índices de 91% de ausência e 9% de presença no jornal EM, na FSP apresenta 81% de ausência e 19% de presença, no EM 91% de ausência e 9% de presença e no ESP o índice relevante é de presença com 43% de ausência e 57% de presença.

O pronome como complemento também apresenta índices da variação da preposição de 79% de ausência e 21% de presença no jornal O Globo, 65% de ausência e 35% de presença, no jornal FSP, já no EM apresenta 38% de ausência e 63% de presença. E no ESP o pronome apresenta 53% de ausência e 47% de presença.

De acordo com esses resultados verifica-se que nos jornais O Globo e FSP os índices de ausência são relevantes com infinitivo e pronome. No ESP a variação com infinitivo e pronome é equilibrada. Mas, apenas no jornal EM há índice relevante de presença da preposição com pronome.

O clítico acusativo como complemento apresenta 100% de ausência da preposição no jornal O Globo e no Jornal ESP.

Já o sintagma nominal como complemento apresenta 35% de ausência e 65% de presença no jornal O Globo; 44% de ausência e 56% de presença na FSP; 66% de presença e 34% de ausência no jornal EM; e 34% de ausência e 66% de presença no jornal ESP. Observa-se que, nos jornais, o sintagma nominal como complemento apresenta índices de variação relevantes, no que se refere à presença e ausência da preposição, nos jornais.

Quanto à ausência as formas de infinitivo, pronome e clítico são relevante nos jornais. O infinitivo apresenta no jornal O Globo 90 pontos percentuais, na FSP com 62 pontos percentuais; no EM 54% e no ESP, 14%. O pronome apresenta 58% no jornal O Globo; 30% na FSP; 25% no EM, e no ESP o pronome apresenta índice equilibrado da variação com 47% de presença e 53% de ausência. O clítico não apresenta variação, pois não ocorre nos jornais O Globo e ESP. Com o sintagma nominal, os índices relevantes foram de presença da preposição; na FSP não houve relevância apresentando 56% de presença e 44% de ausência e 12 pontos percentuais presença, no jornal O Globo o sintagma apresenta 65% de presença e 35% de ausência, no EM, 66% de presença e 34% de ausência e no ESP, o sintagma nominal apresenta 66% de presença e 34% de ausência.

Desse modo, esses dados vêm corroborar com a hipótese de que o infinitivo, o pronome e o clítico acusativo favorecem a ausência da preposição.

A presença do clítico acusativo nestas construções é explicada por Ramos (1992). A que explica que, na ausência da preposição, o NP objeto pode ser substituído por um clítico. Assim V pode mover-se para AGR-O e a posição é licenciada para uma categoria vazia ou um clítico. “V move-se para I, a posição Spec de V recebe Caso. Em consequência, um clítico seria licenciado”. RAMOS (1992, p. 276).

Observamos também que as formas de complemento apresentaram índice de variação de presença e ausência da preposição **a**, nos cadernos dos jornais, como se verifica na tabela abaixo:

Tabela 1 – Distribuição de presença e ausência da preposição **a** nos cadernos dos jornais

Cadernos		Infinitivo	S. Nominal	Pronome	Clítico Acusativo
Economia	Presença	2 – 17%	28 – 74%	1 – 20%	0%
	Ausência	10 – 83%	10 – 26%	4 – 80%	1 – 100%
Cultura/Gerais Rio/ São Paulo	Presença	1- 25%	94 – 71%	10 – 20%	0%
	Ausência	3- 75%	38 -29%	39 – 80%	2 – 100%
Esportes	Presença	1- 50%	25 – 63%	4 – 50%	0%
	Ausência	1- 50%	15 – 38%	4 -50%	0%
Internacional Nacional País Opinião	Presença	7 – 47%	66 – 62%	12- 75%	0%
	Ausência	8 – 53%	41 – 38%	4 – 25%	2- 100%
Educação/ Cotidiano Caderno D+	Presença	1 -7%	17 – 57%	2 -25%	0%
	Ausência	14 – 93%	13 – 43%	6- 75%	0%
Ilustrada	Presença	1 – 100%	7- 50%	4 -50%	0%
	Ausência	0%	7- 50%	4 – 50%	1-100%
Folhinha Publi-folha Gurilândia	Presença	0%	4 – 100%	0%	0%
	Ausência	1-100%	0%	0%	0%
Prazer em Ajudar/ Ciência e Saúde	Presença	1- 25%	16 - 73%	- - 0%	0%
	Ausência	4- 75%	6- 27%	1 – 100%	0%
Turismo Viagem	Presença	0%	5 – 63%	0%	0%
	Ausência	0%	3 – 38%	2- 100%	0%
Informática Tecnologia	Presença	1- 10%	17 – 47%	4 -36%	0%
	Ausência	9- 90%	19- 53%	7 -64%	0%
Bichos Agropecuário	Presença	0%	3-100%	0%	0%
	Ausência	1- 100%	0%	0%	0%
Direito e Justiça	Presença	0%	1- 25%	0%	0%
	Ausência	4- 100%	3 -75%	0%	0%
Imóveis Negócios Emprego	Presença	0%	0%	0%	0%
	Ausência	5 -100%	0%	0%	1-100%
	Presença	0%	1-100%	0%	0%

Arte e Lazer	Ausência	1-100%	0%	0%	0%
Cidades	Presença	2-100%	28 -70%	6- 46%	0%
	Ausência	0%	12- 30%	7- 54%	1- 100%
Caderno 2	Presença	0%	1- 25%	0%	0%
	Ausência	0%	3- 75%	0%	0%
Bem viver Vida &	Presença	2 -50%	5 – 83%	1- 100%	0%
	Ausência	2-50%	1- 17%	0%	0%
TV TV e Lazer Ambiente	Presença	0%	3-43%	2- 25%	0%
	Ausência	1-100%	4 -57%	6- 75%	0%
Pensar Espaço Aberto	Presença	0%	2- 100%	0%	0%
	Ausência	1-100%	0%	1- 100%	0%

De acordo com os índices da tabela acima, o infinitivo como complemento apresenta ausência da preposição com relevância para os cadernos Economia, Gerais, Opinião, Cotidiano, Educação, Caderno D+, Prazer em Ajudar, Informática/Tecnologia, Ciência e Saúde, Direito e Justiça, Imóveis e Negócios. Por outro lado, apresenta índice equilibrado da variação nos cadernos Esportes, Cultura, Internacional/Nacional, e Bem Viver.

O pronome como complemento apresenta índice relevante de ausência da preposição nos cadernos Economia, Cultura, Cotidiano, Caderno D+, Informática/Tecnologia e TV/TV e Lazer e Turismo/Viagem. Os índices relevantes de presença são dos cadernos Gerais, Internacional/Nacional, Caderno D+. Entretanto, apresenta índice equilibrado de variação nos cadernos Esportes, e Ilustrada.

O clítico acusativo como complemento apresenta índice relevante da variação da preposição nos cadernos Cultura e Internacional e Nacional e nenhum índice de presença.

Já o sintagma nominal apresenta índice relevante de presença da preposição nos cadernos; Economia, Cultura, Esportes, Gerais/Rio/SP, Internacional/Nacional, Opinião, Educação, Folhinha, Prazer em Ajudar, Turismo/Viagem, Agropecuário/Bichos,

Cidades,, Bem Viver, e Pensar/Espaço Aberto. Os índices de ausência com relevância foram dos cadernos Direito e Justiça, Caderno 2, TV/TV e Lazer. E os índices equilibrados são dos cadernos Cotidiano, Caderno D+, Ilustrada e Ciência e Saúde.

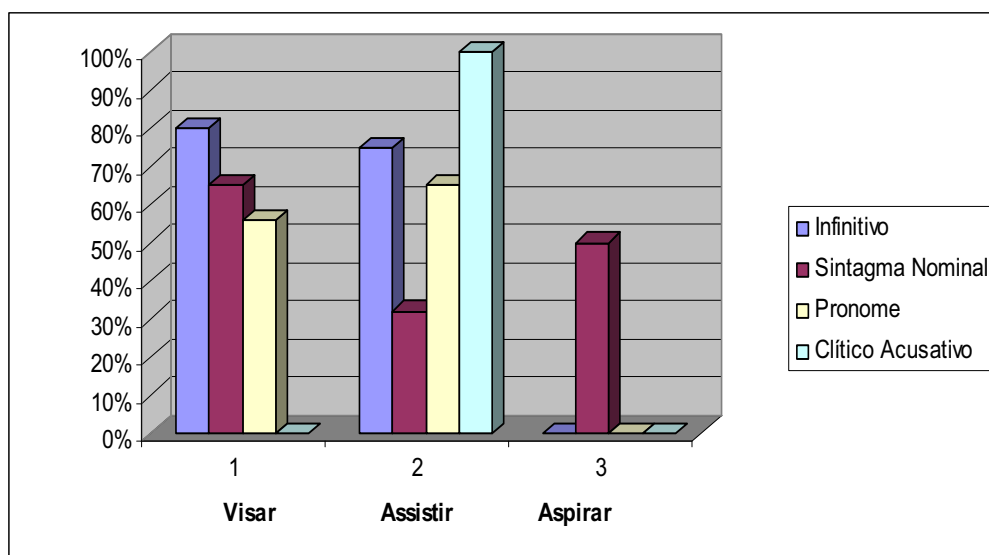


GRAFICO 6.a - Ausência da preposição x Formas de complemento x verbos.

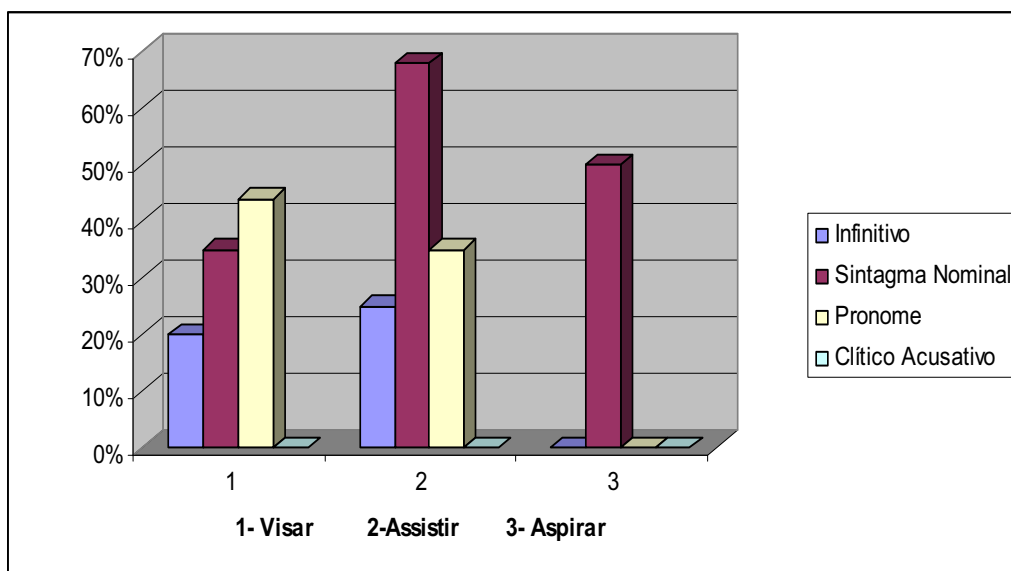


GRAFICO 6.b - Presença da preposição x Formas de complemento x verbos

Os gráficos 6.a 6.b mostram o índice de variação com relação às formas de complemento e aos tipos de verbos. O gráfico 6.a mostra que o infinitivo apresenta índice de ausência de 80% e 20% de presença com o verbo “visar”, 75% de ausência e 25% de

presença com o verbo **“assistir”**, e 100% de presença com o verbo **“aspirar”**. O clítico apresenta 100% de ausência com o verbo **“assistir”**, e o pronome apresenta 56% de ausência e 44% de presença com o verbo com o verbo **“visar”**, 65% de ausência e 35% de presença com o verbo **“assistir”** e com o verbo **“aspirar”** não houve ocorrência.

Já o sintagma nominal apresenta índice de 68% de presença e 32% de ausência com o verbo **“assistir”**, 35% de presença e 65% de ausência com o verbo **“visar”**, 50% de ausência e 50% de presença com o verbo **“aspirar”**.

De acordo com os dois gráficos verifica-se que o infinitivo apresenta 60% de ausência com o verbo **“visar”**, 50% de ausência com o verbo **“assistir”**. Com o verbo **“aspirar”**, a preposição não ocorre com o infinitivo nem com o clítico. O sintagma nominal apresenta 30% de ausência com o verbo **“visar”**, 36% de presença com o verbo **“assistir”** e, com o verbo **“aspirar”**, a os índices de variação não são relevantes, pois há um equilíbrio de 50 % da variação. Com o pronome, os índices de variação com o verbo **“assistir”** foram relevantes, pois houve 30% de ausência da preposição e 70% de presença. Já o pronome com o verbo **“visar”** apresentou equilíbrio da variação apresentando 44% de presença, 56% de ausência, e uma diferença de 12 pontos percentuais ausência.

Com esses resultados observa-se que o infinitivo, o pronome e o clítico apresentam índices significativos de ausência com os verbos **“visar”** e **“assistir”**. E o sintagma nominal apresenta índices relevantes de variação com os verbos **“assistir”** e **“aspirar”**. Com o verbo **“visar”** o sintagma nominal apresenta índice relevante de ausência da preposição apresentando 65% de ausência e 35% de presença e com o verbo **“assistir”** apresenta 68% de presença e 32% de ausência.

3.4 Posição das formas de complemento

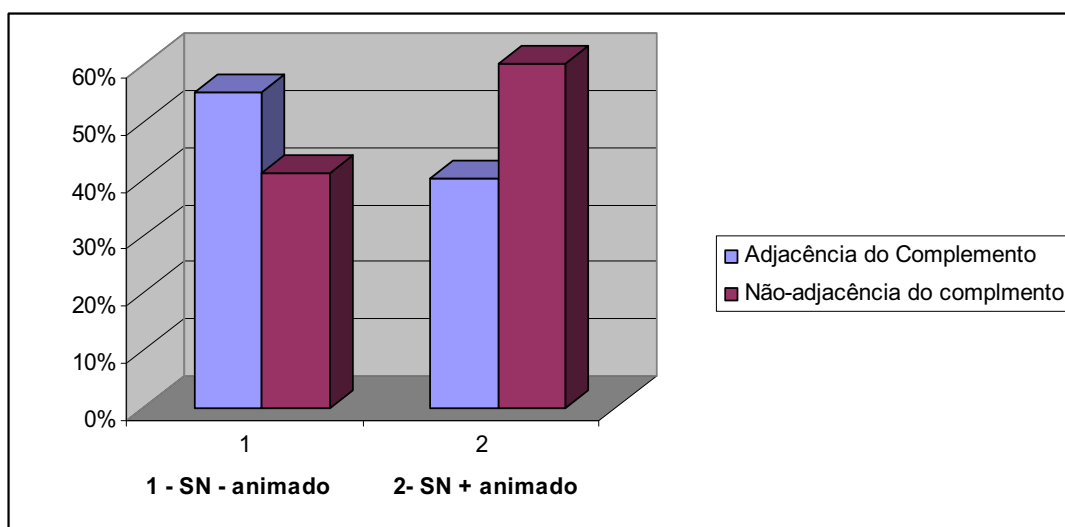


GRAFICO 7.a - Presença da preposição x Posição x Traço animacidade

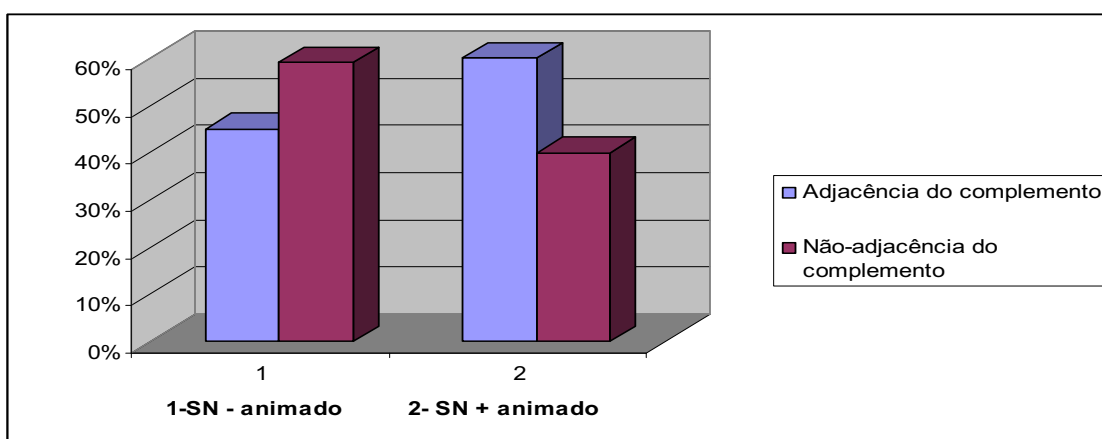


GRAFICO 7.b - Ausência da preposição x Posição x Traço animacidade

Conforme os gráficos 7.a e 7b o fator adjacência com SN [- animado] apresenta 55% de presença e 45% de ausência e com não adjacência 41% de presença e 59% de ausência. A adjacência com SN [+animado] apresenta 40% de presença e 60% de ausência e não adjacência representando 60% de presença e 40% de ausência da preposição.

Desse modo, os dados evidenciam que o fator adjacência com SN [-animado] apresenta índice equilibrado da variação da preposição e com SN [+ animado] apresenta índice relevante de ausência da preposição com uma diferença de 20 pontos percentuais

ausência. Já o fator não adjacência apresenta índice relevante de ausência com SN [- animado] e, com o SN [+ animado] apresenta índice relevante de presença.

Esses resultados evidenciam que a adjacência do complemento favorece a ausência da preposição com SN [+ animado]. E o fator não adjacência favorece a ausência da preposição com SN [- animado]. Isso vem corroborar com a hipótese de que a adjacência do complemento favorece a ausência da preposição.

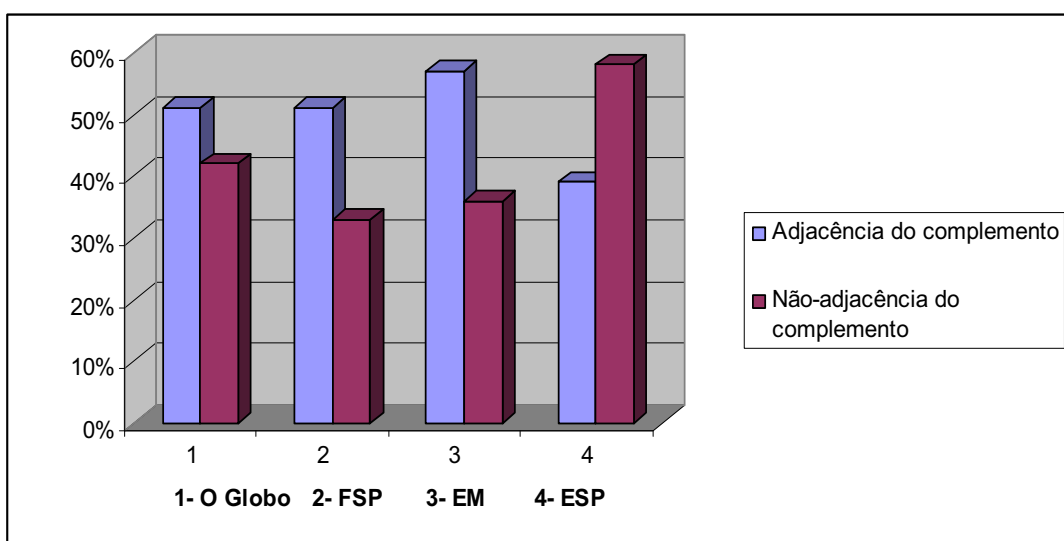


GRAFICO 8.a – Presença da preposição x Posição x Jornais.

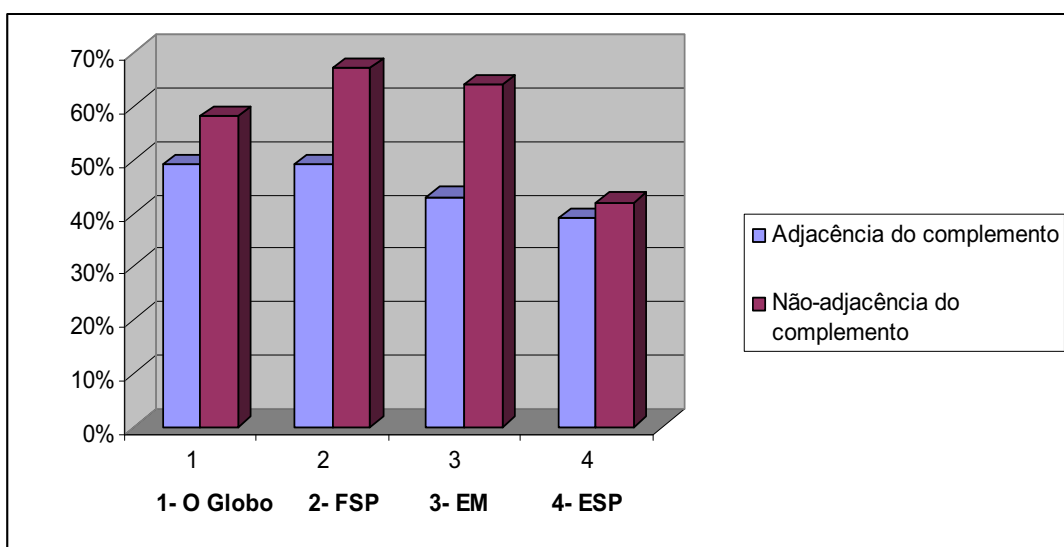


GRAFICO 8.b - Ausência da preposição x Posição x Jornais

Os gráficos 8.a e 8.b mostram índice de variação da preposição em relação à posição adjacência e não adjacência do complemento nos jornais.

A adjacência do complemento apresenta 51% de presença e 49% de ausência no jornal O Globo, apresenta 51% de presença e 49% de ausência no jornal FSP, apresenta 57% de presença e 43% de ausência no jornal EM, e 61% de presença e 39% de ausência no jornal ESP.

O subfator não adjacência do complemento apresenta 42% de presença e 58% de ausência. Na FSP o fator adjacência apresenta 51% de presença e 49% de ausência. O subfator não adjacência apresenta 33% de presença e 67% de ausência. No EM o subfator adjacência apresenta 57% de presença e 43% de ausência e não adjacência apresenta 36% de presença e 64% de ausência. No ESP, o fator adjacência apresentou 61% de presença e 39% de ausência e não adjacência 58% de presença e 42% de ausência.

Observa-se, portanto, que o fator não adjacência apresenta índices relevantes de ausência da preposição nos jornais O Globo, FSP e EM, e um índice relevante de presença apenas no ESP. Quanto ao fator adjacência apresenta índices equilibrados da variação nos jornais O Globo, e FSP e índices relevantes de presença nos jornais EM e ESP. O fator posição do complemento foi analisado também com a presença de PRO, conforme os gráficos a seguir.

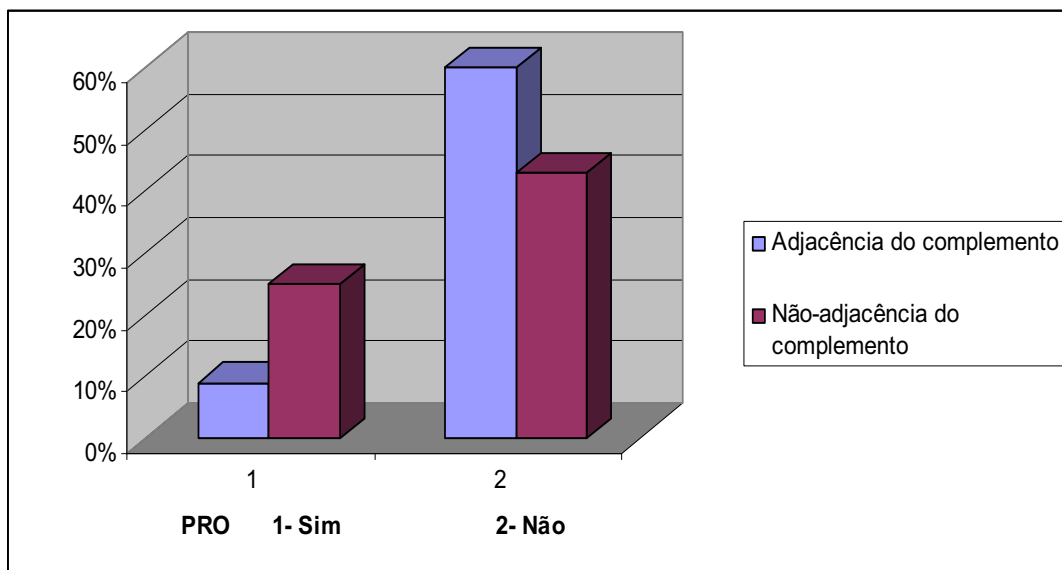


GRAFICO 9.a - Presença da preposição x Posição x PRO

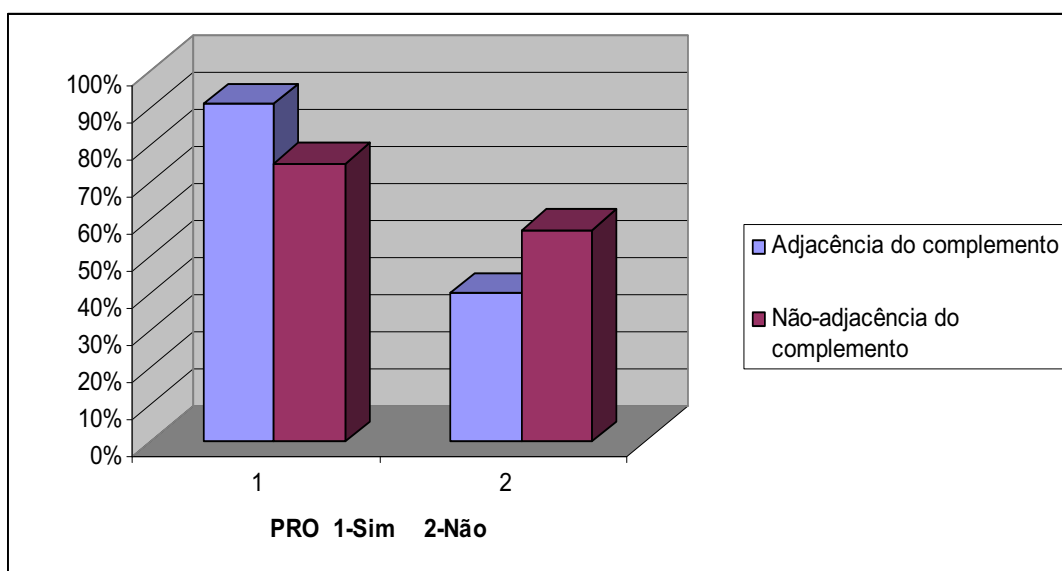


GRAFICO 9.b - Ausência da preposição x Posição x PRO

Conforme os gráficos 9.a e 9b a adjacência do complemento sem PRO apresenta 60% de presença e 40% de ausência e o fator não adjacência sem PRO apresenta 43% de presença e 57% de ausência. Já a adjacência com PRO apresenta 9% de presença e 91% de ausência e não adjacência com PRO apresenta 25% de presença e 75% de ausência. Os exemplos a seguir ilustram esse tipo de ocorrência.

Presença da preposição com PRO:

(30) Abordagem neocolonial, visando a gerar benefícios [...] (A732; ESP)

Ausência da preposição com PRO:

(31) [...] o processo que visa selecionar 48 mil profissionais [...] (A240;EM)

Observa-se que há maior índice de ausência da preposição nas ocorrências com o fator adjacência com PRO. Na presença de PRO há maior ausência da preposição. Isso vem corroborar a hipótese de que o fator adjacência do complemento favorece a ausência da preposição, principalmente quando há a ocorrência de PRO.

Essas informações podem ser relacionadas com as afirmações de Ramos (1992). Segundo Ramos, na ausência da preposição **a**, a posição Spec de V', uma posição não-temática licencia uma categoria vazia e pode ser ocupada por um PRO favorecendo a ausência da preposição. De acordo com (Ramos 1992) a posição de adjunção a V fica disponível para PRO, na estrutura D, que pode ser movido para uma posição não regida. "A posição Spec de V' não contem Caso, por isso um PRO poderia ser licenciado naquela posição."(RAMOS 1992: p. 273)

O fator adjacência do complemento foi analisado também de acordo com os verbos e apresentou índices relevantes de variação com a preposição **a**, como mostram os gráficos 10a e 10b, a seguir:

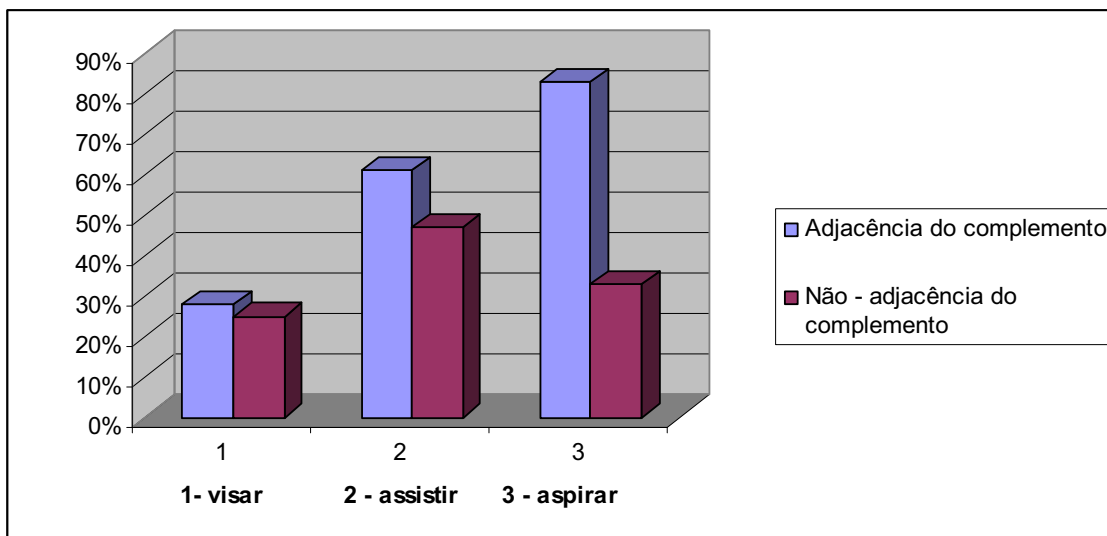


GRAFICO 10.a - Presença da preposição x Posição x Verbos

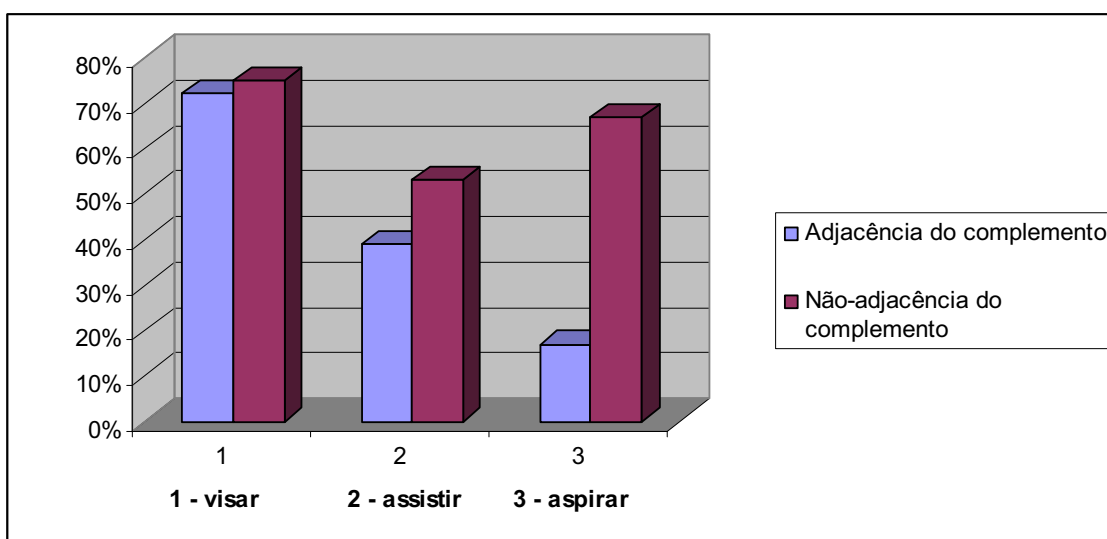


GRAFICO 10.b - Ausência da preposição x Posição x Verbos

Os gráficos acima mostram a variação da preposição de acordo com as formas de complemento e os verbos. O fator adjacência apresenta 28% de presença e 72% de ausência com o verbo “visar”. A adjacência do complemento apresenta 61% de presença e 39% de ausência com o verbo “assistir”. E apresenta ainda 83% de presença e 17% de ausência com o verbo “aspirar”. Observa-se que esse fator evidencia índices relevantes de variação com os verbos em análise.

Já o fator não adjacência apresenta 25% de presença e 75% de ausência da preposição com o verbo “**visar**”; 47% de presença e 53% de ausência com o verbo “**assistir**” e 33% de presença e 67% de ausência com o verbo “**aspirar**”. Observa-se que o fator não adjacência apresenta índice relevante de variação com os verbos “**visar**” e “**aspirar**”. Com o verbo “**assistir**” a variação entre a presença e ausência da preposição foi equilibrada.

Com esses resultados podemos afirmar que o fator não adjacência contribui para ausência da preposição com o verbo “**aspirar**”. Já com os verbos “**visar**” e “**assistir**” o fator adjacência e não adjacência apresenta índice equilibrado da variação. E o fator adjacência favorece a ausência da preposição com o verbo “**visar**”. Isso vem corroborar com a hipótese de que a adjacência do complemento favorece a ausência da preposição.

3.5 Traço Animacidade

O fator animacidade do sintagma foi quantificado de acordo com os tipos de jornais , os tipos de cadernos, e os verbos. Nos jornais, o traço animacidade SN [-animado] apresenta maior número de ocorrências com esses tipos de verbos e índices equilibrados da variação, exceto no ESP, como se pode observar a seguir:

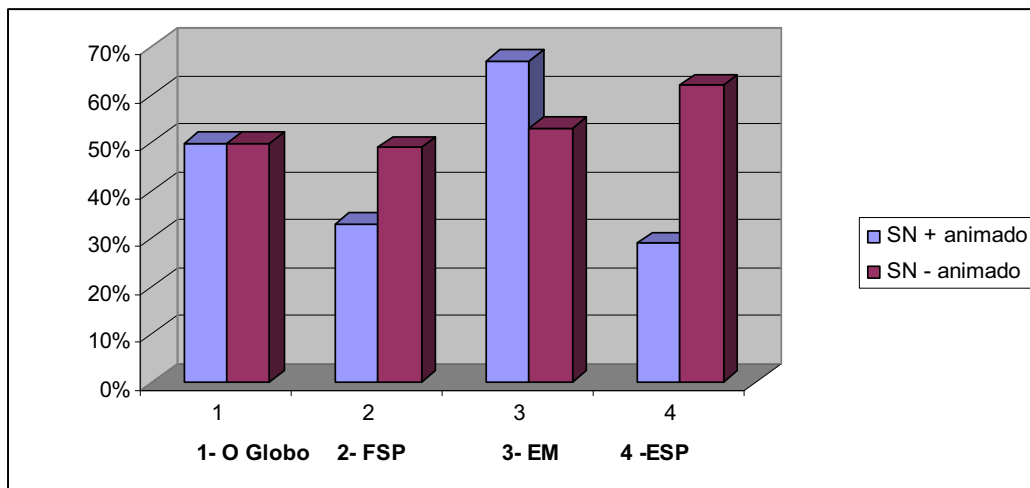


GRÁFICO 11.a - Presença da preposição x Traço animacidade x Jornais

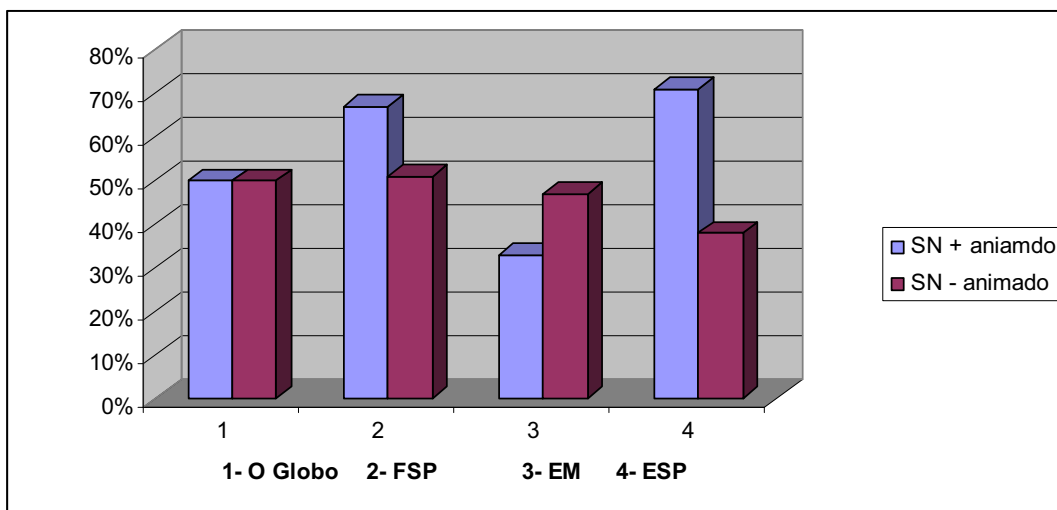


GRÁFICO 11.b - Ausência da preposição x Traço animacidade x Jornais

Nos gráficos 11.a e 11.b verifica-se que o traço animacidade SN [-animado] apresenta índice de 50% de presença e 50% de ausência no jornal O Globo; 49% de presença e 51% de ausência no jornal FSP; 53% de presença e 47% de ausência no jornal EM; e 62% de presença e 38% de ausência no jornal ESP. Já o SN [+ animado] apresenta 50% de presença e 50% de ausência no jornal O Globo; 33% de presença e 67% de ausência no jornal FSP; 67% de presença e 33% de ausência no jornal EM e 29% de presença e 71% de ausência no jornal ESP. Observa-se um índice equilibrado dos fatores SN[+ animado] SN[-animado] no jornal O Globo. E observa-se índices relevantes da variação da preposição com os dois subfatores

nos jornais FSP, EM e ESP. O SN[+animado] apresenta 34 pontos percentuais ausência com 33% e 67% de ausência no jornal FSP e no jornal ESP também apresenta índice maior ausência, 29% de presença e 71% de ausência, mas no jornal EM apresenta maior índice de presença, 67% de presença e 33% de ausência.

Já o SN[-animado] apresenta índice equilibrado no jornal O Globo, FSP e EM. No O Globo apresenta 50% de presença e 50% de ausência, no jornal FSP apresenta 49% de presença e 51% de ausência e no EM apresenta 53% de presença e 47% de ausência. Porém no jornal ESP o índice da variação foi relevante apresentando 62% de presença e 38% de ausência.

Desse modo, observa-se que, com os verbos em análise, o SN [-animado] apresenta índices equilibrados da variação nos jornais O Globo, FSP e EM, exceto no ESP que apresentou índice relevante de presença da preposição. E o SN [+animado] apresenta índice equilibrado no jornal O Globo, mas apresenta índices relevantes de ausência no jornal FSP, e ESP e no jornal EM apresenta maior índice de presença.

O traço animacidade foi analisado de acordo com os verbos como se verifica nos Gráficos a seguir:

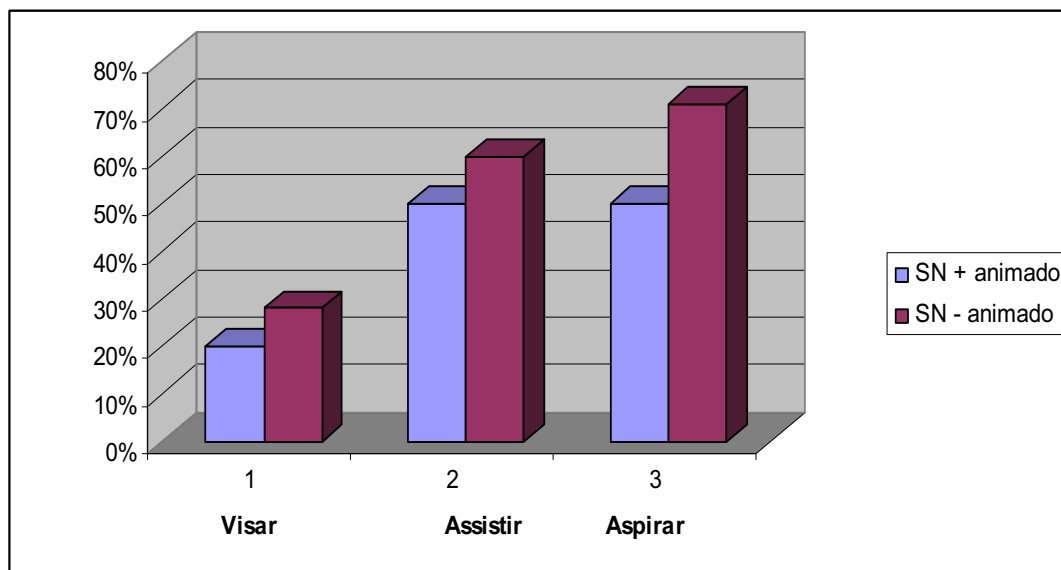


GRÁFICO 12.a - Presença da preposição x Traço animacidade x Verbos

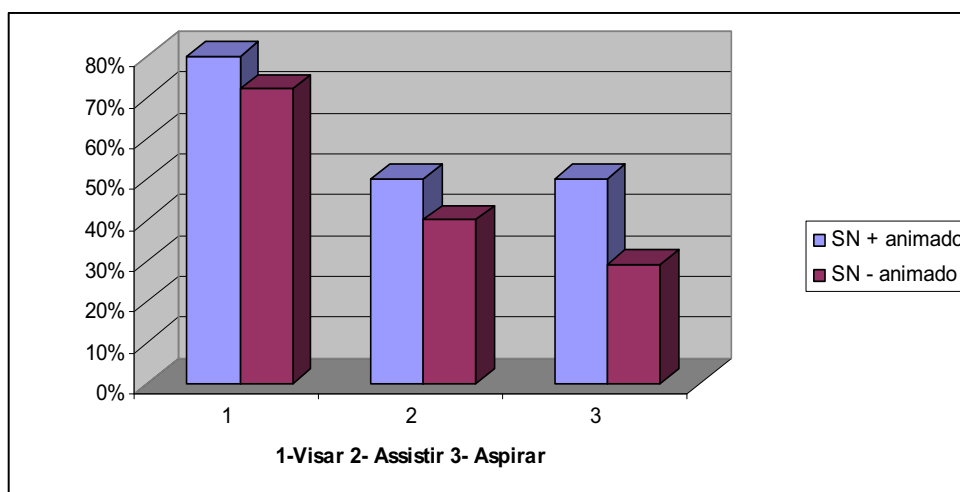


GRAFICO 12.b - Ausência da preposição x Traço animacidade x Verbos

De acordo com os gráficos 12.a e 12.b o SN [- animado] apresenta uma diferença de 44 pontos percentuais de ausência da preposição, sendo 28% de presença e 72% de ausência com o verbo “**visar**”. Com o verbo “**assistir**” apresenta 20 pontos percentuais de presença da preposição sendo 60% de presença e 40% de ausência. Já com o verbo “**aspirar**” o SN[- animado] apresenta 71% de presença e 29% de ausência. Observa-se que os índices de presença são relevantes com os verbos “**assistir**” e “**aspirar**”. E há índice relevante de ausência com o verbo “**visar**”. O SN [+ animado] apresenta 20% de presença e 80% de

ausência com o verbo “**visar**”, e 50% de presença e 50% de ausência com os verbos “**assistir**” e “**aspirar**”, índices equilibrados da variação. E há índice relevante de ausência com o verbo “**visar**”.

Portanto, esses dados evidenciam que o fator animacidade do sintagma influencia o comportamento da preposição. E o SN [-animado] favorece a ausência da preposição nas construções sintáticas com o verbo “**visar**”. Isso confirma parcialmente a hipótese 2 deste trabalho.

3.6 Jornais

O cruzamento da variável dependente com os fatores jornais e verbos apresentou os resultados a seguir.

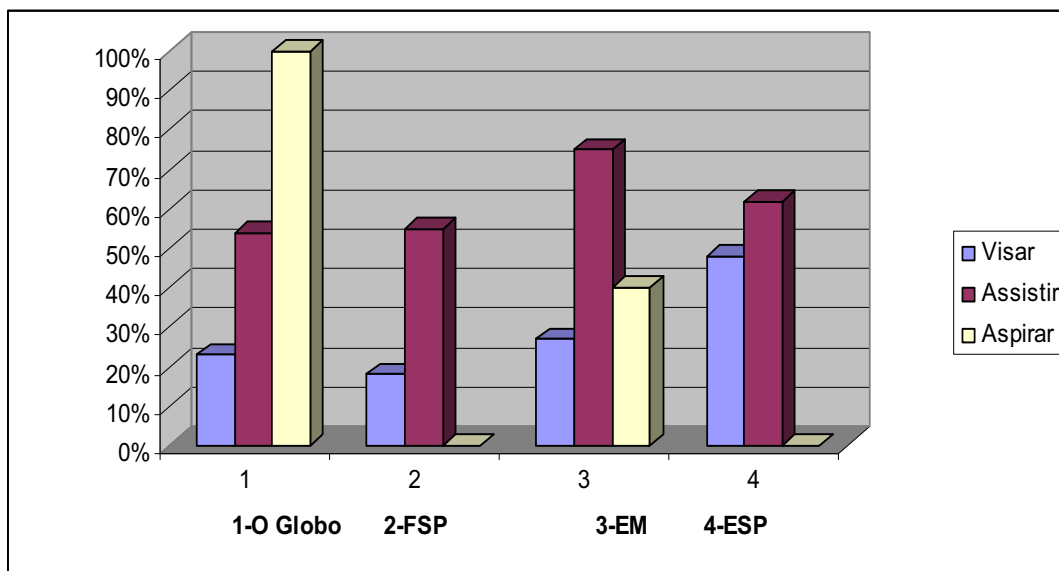


GRAFICO 13.a - Presença da preposição x Jornais x Verbos

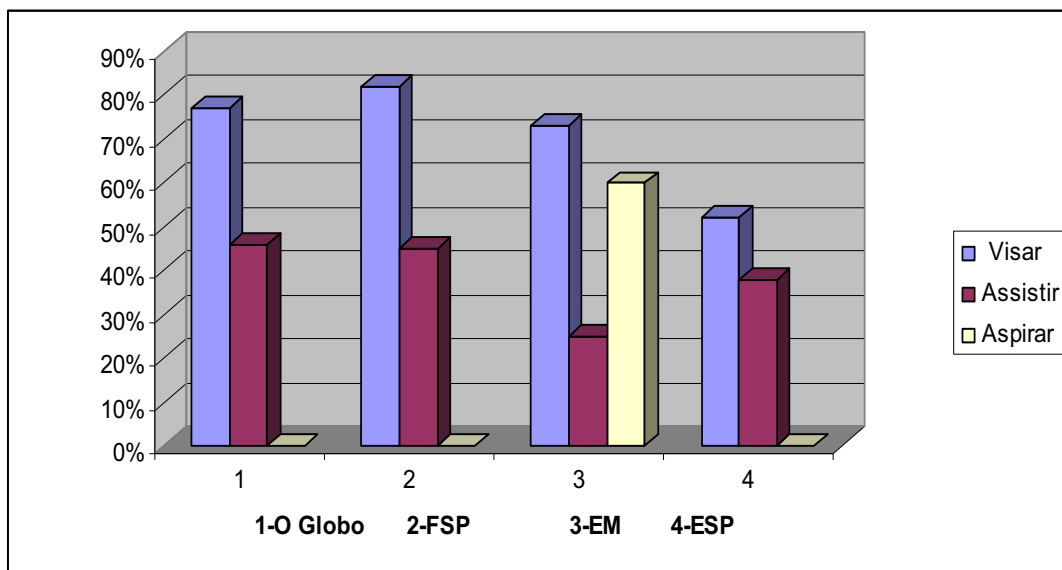


GRAFICO 13.b - Ausência da preposição x Jornais x Verbos

De acordo com os gráficos 13.a e 13.b, os verbos apresentam índices da variação da preposição nos jornais. O verbo **“visar”** apresenta 23% de presença e 77% de ausência no jornal O Globo com uma diferença de 44 pontos percentuais; 18% de presença e 82% de ausência com uma diferença de 64 pontos percentuais no jornal FSP; 27% de presença e 73% de ausência com diferença de 46 pontos percentuais no jornal EM e, no ESP, o verbo **“visar”** apresenta 48% de presença e 52% de ausência .

O verbo **“assistir”** apresenta um equilíbrio da variação na FSP com 55% de presença e 45% de ausência e no jornal O Globo com 54% de presença e 46% de ausência. Entretanto, apresenta variação significativa no ESP com 62% de presença e 38% de ausência, e no EM com 75% de presença e 25% de ausência.

O verbo **“aspirar”** apresenta 60% de ausência e 40% de presença no jornal EM, no jornal O Globo o verbo **“aspirar”** apresenta 100% de presença e 0% de ausência e no jornal ESP e FSP não houve ocorrências com esse verbo.

Com esses resultados observamos que os índices relevantes são de ausência com o verbo **“visar”**, nos jornais O Globo, FSP e EM e no ESP o índice é equilibrado. Há também índices de presença relevantes com o verbo **“assistir”** nos jornais EM e ESP e na FSP e no

jornal O Globo os índices são equilibrados. Com o verbo “**aspirar**” há um índice relevante de presença no jornal O Globo e um índice relevante de ausência no jornal EM.

3.7 Variável dependente x PRO x jornais

PTO foi analisado de acordo com a variável dependente e os jornais, como se verifica nos Gráficos a seguir:

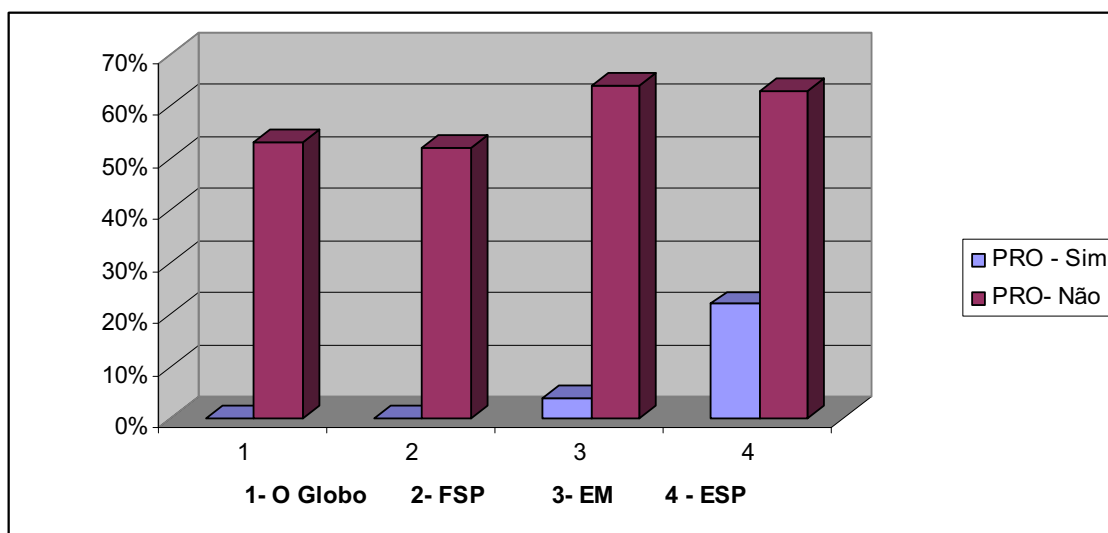


GRAFICO 14.a - Presença da preposição x PRO x Jornais

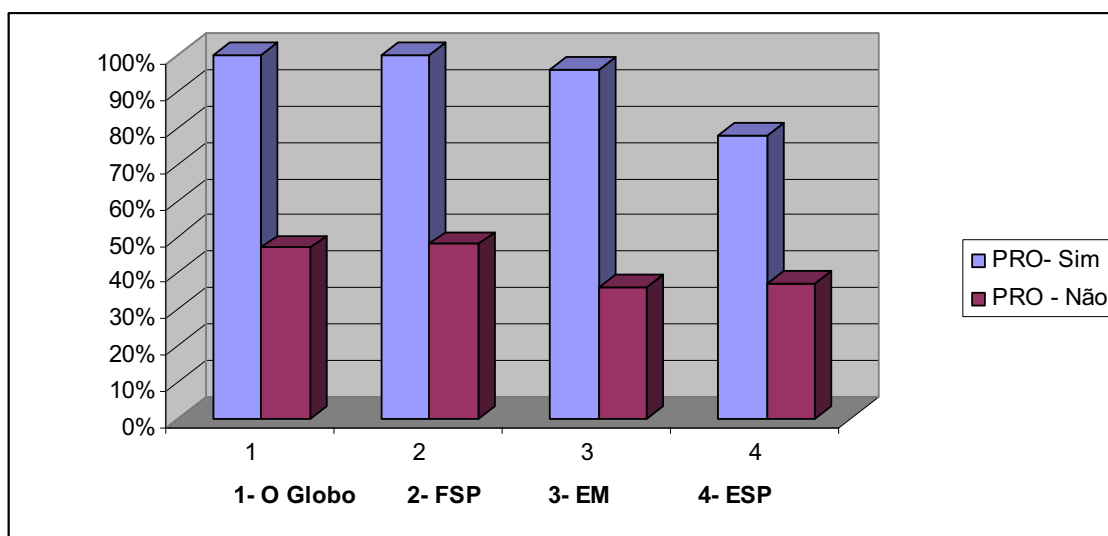


GRAFICO 14.b - Ausência da preposição x PRO x Jornais

Verifica-se que há variação do emprego da preposição nas estruturas sintáticas quando PRO ocorre.

Conforme os gráficos 14.a e 14.b, as ocorrências com PRO apresentam variação da preposição nos jornais. Observa-se que não ocorre emprego da preposição com PRO nos jornais O Globo e FSP. No jornal EM há 4% de presença e 96% de ausência e 22% de presença e 78% de ausência no jornal ESP. Observa-se que, quando há PRO, há maior índice de ausência da preposição em todos os jornais.

Observamos que quando não há PRO os índices da variação são equilibrados: 53% de presença e 47% de ausência no jornal O Globo, 52% de presença e 48% de ausência no jornal FSP, 64% de presença e 36% de ausência no jornal EM, e 63% de presença e 37% de ausência no jornal ESP. Com esses resultados podemos afirmar que o pronominal nulo PRO apresenta índices significantes de ausência da preposição nos jornais. Essas informações confirmam a hipótese 4 deste trabalho de que o pronominal nulo PRO favorece a ausência da preposição.

3.8 Variável dependente x voz passiva x jornais

Os dados revelam ocorrências de voz passiva, nos verbos em análise, como se verifica nos Gráficos a seguir:

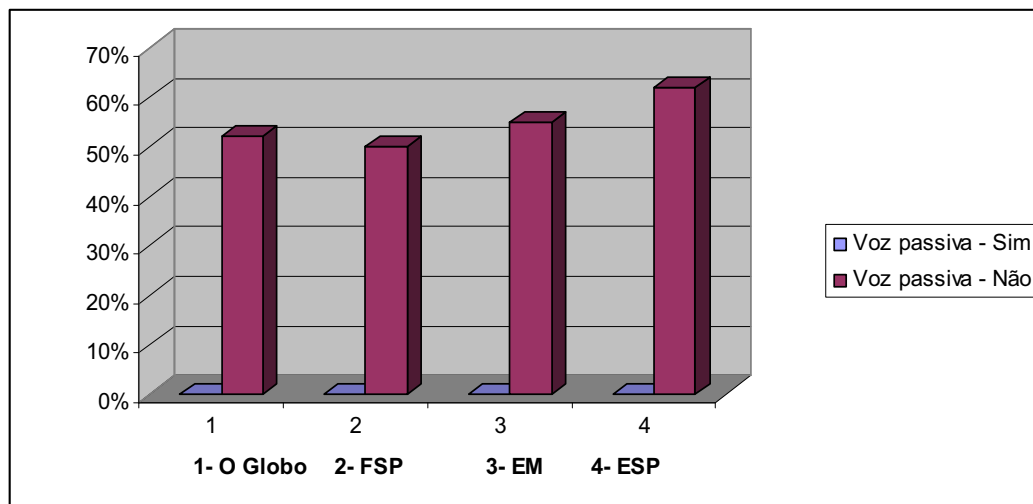


GRAFICO 15.a - Presença da preposição x Voz passiva x Jornais

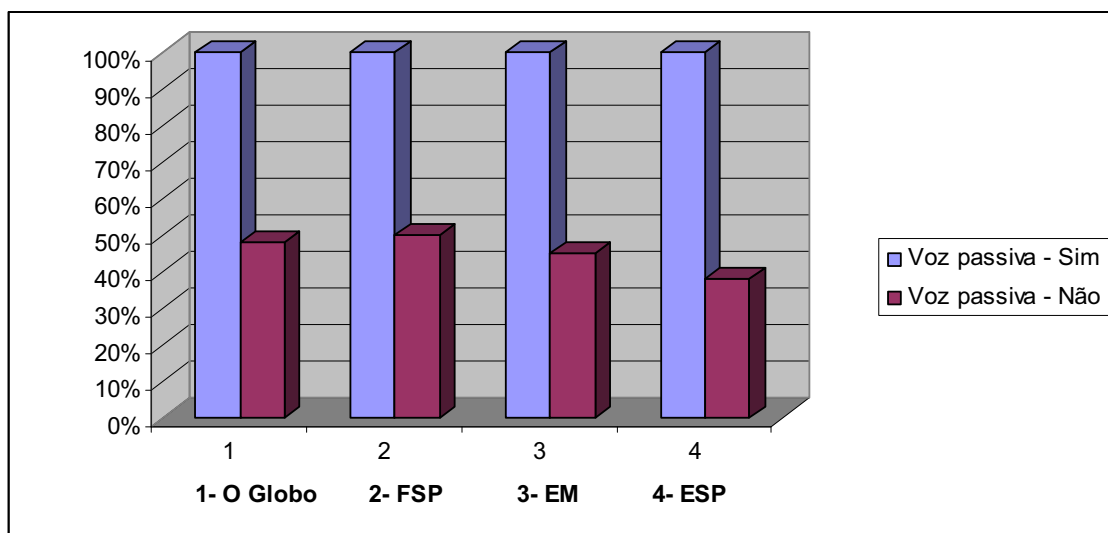


GRÁFICO 15.b - Ausência da preposição x Voz passiva x Jornais.

Conforme os gráficos 15.a e 15.b, há ocorrências com os verbos na voz passiva. Como era esperado, os gráficos revelam que, com a voz passiva, não há, obviamente, presença da preposição. Exemplos com voz passiva:

(32) Foi uma das 10 atrações mais assistidas pelo público (A4 ; Caderno Cultura; EM)

(33) [...] vossas excelências são os mais visados pelos achaques (A46; Ilustrada; FSP)

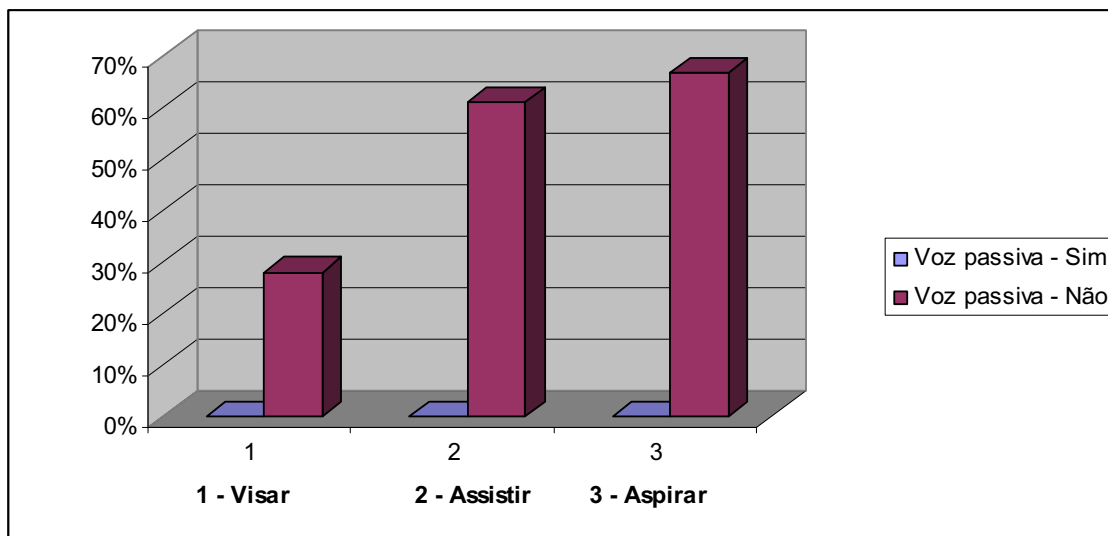


GRÁFICO 16.a - Presença da preposição x Voz passiva x Tipos de verbos

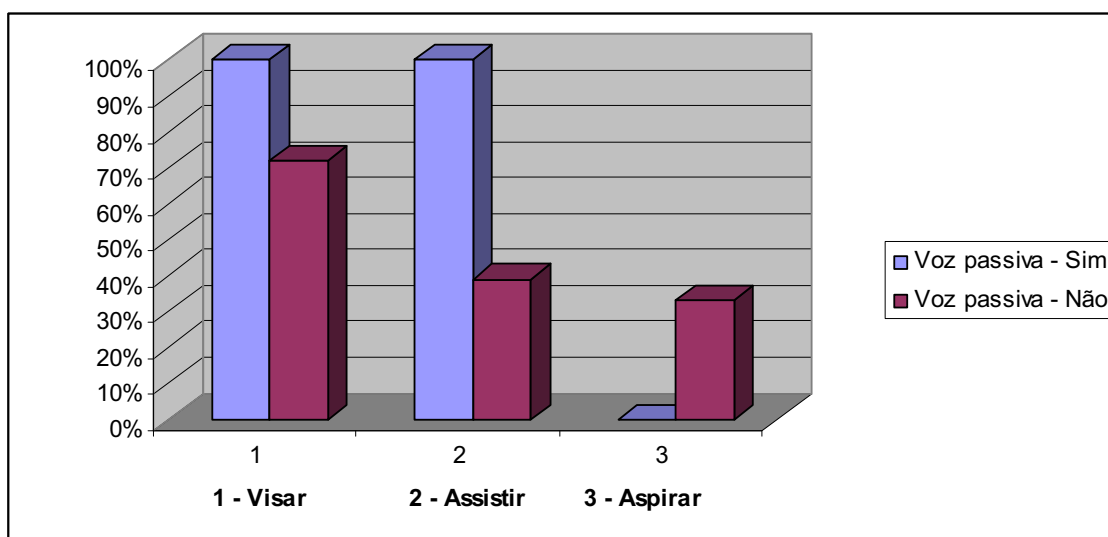


GRAFICO 16.b - Ausência da preposição x Voz passiva x Tipos de verbos

De acordo com os Gráficos 17.a 17.b, há emprego da voz passiva com os verbos “visar” e “assistir” e com o verbo “aspirar” não há. O verbo “visar” apresentou índice de 100% de ausência da preposição. E com o verbo “assistir” há 14 ocorrências na voz passiva apresentando índices de 100% de ausência da preposição a.

Esses resultados evidenciam que, nos jornais, os verbos “visar” e “assistir” ocorrem na voz passiva.

3.9 Considerações Finais

Os resultados do cruzamento das variantes sintáticas com os grupos de fatores permitiram-nos verificar se houve ou não confirmação das hipóteses desse trabalho, postuladas pelo levantamento desses fatores.

Os resultados obtidos revelaram que os fatores formas de complemento com infinitivo, pronome e clítico acusativo contribuem para a ausência da preposição **a**, apresentando índices relevantes de variação, nos jornais. Esses dados confirmaram a hipótese de que o infinitivo e o clítico acusativo contribuem para a ausência da preposição.

Constatamos ainda que a adjacência do complemento com infinitivo, pronome e clítico favorece a ausência da preposição. E observa-se ainda que a adjacência do complemento favorece a ausência da preposição com PRO. Esses dados confirmaram a hipótese de que a adjacência do complemento favorece a ausência da preposição.

É importante ressaltar que a ocorrência de PRO nas estruturas sintáticas favorece a ausência da preposição **a**. E observa-se também o emprego dos verbos na voz passiva.

Vale lembrar que os jornais e cadernos também influenciam o comportamento da variável. Há cadernos em que há mais variação ausência do que presença, ou vice versa. Os que se destacam com índices relevantes de ausência são: TV e Lazer, Cotidiano, Caderno 2, Turismo/Viagem, Prazer em Ajudar, Imóveis/Negócios, Bem Viver e Pensar/Espaço Aberto.

Portanto, os resultados desta pesquisa comprovam a variação da preposição **a** nas estruturas sintáticas, no PB escrito.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos desenvolver neste trabalho a investigação do comportamento da preposição **a** no emprego dos verbos “**visar**”, “**assistir**” e “**aspirar**” no PB escrito.

A partir dos resultados da pesquisa, constatamos a variação da preposição **a** nestas estruturas sintáticas, com índice equilibrado de presença e ausência nos jornais O Globo, Folha de São Paulo, Estado de Minas e O Estado de São Paulo.

A análise dos dados revela que os fatores linguísticos que favorecem a presença ou ausência da variável dependente são: as formas de complemento, a posição e o pronominal nulo PRO.

De acordo com a pesquisa bibliográfica, a ausência da preposição nestas estruturas decorre não só da posição estrutural que ela ocupa entre os constituintes da sentença, mas também devido ao seu estatuto argumental. A preposição **a** introdutora de complemento desses verbos é uma preposição funcional (*dummy*) que não atribui papel temático e a sua função é marcar Caso gramatical. A preposição *dummy* apenas c-seleciona o argumento, para dar visibilidade ao papel temático atribuído pelo verbo. Desse modo, a caracterização do objeto indireto é definida pelo contexto da estrutura argumental do predicador e subcategorização verbal.

Constatamos que clíticos acusativos ocorrem com as formas verbais. Essa ocorrência, entretanto, se contrapõe às descrições tradicionais, uma vez que esses verbos são transitivos indiretos e marcam dativos.

Segundo as gramáticas normativas, esses verbos também não admitem clíticos dativos *lhe* e *lhes* e sim as formas *a ele(s)* *a ela(s)*. E a presença do *lhe* é um teste eficaz para determinar se o termo é objeto indireto. E isso não se aplica aos verbos “**visar**”, “**assistir**” e “**aspirar**”.

Verificamos ainda, de acordo com as análises, que o pronominal nulo PRO é outro fator importante que favorece a ausência da preposição **a** nestas formas verbais e também que os verbos são empregados na voz passiva, o que não é recomendado pela Gramática Tradicional.

Portanto, constatamos nesta pesquisa a variação da preposição **a** no emprego dos verbos “**assistir**”, “**visar**” e “**aspirar**” no Português Brasileiro escrito e os fatores condicionadores que a favorecem. E além dos fatores condicionadores devemos considerar o também o estatuto argumental da preposição **a** (dummy) que também interfere em sua variação.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Lucerna 2001.
- BRAGA, Maria Luiza; Mollica, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo, Contexto 2003.
- BAGNO, Marcos. **Linguística da Norma**. Edições Loyola, São Paulo, 2002.
- CEGALLA, Domingos Pascoal. **Novíssima gramática**. São Paulo Ed. 33, 1979.
- CUNHA, Celso Lindley Cintra. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro. RJ, Nova Fronteira. 1999.
- CHOMSKY, N. **Some concepts and consequences of the theory of government and Building** Cambridge: Mass. Press, 1982.
- _____ **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Variação e Sintaxe**. Clítico acusativo, pronome, lexical e categoria vazia no português do Brasil. Dissertação de Mestrado. USP, São Paulo, 1986.
- DUARTE, Maria I. P. da S. **A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre o movimento**. Dissertação de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1987.
- GALVES, Charlotte C. **Algumas diferenças entre o português de Portugal e o Português do Brasil e a teoria de Regência e Vinculação**. Campinas, SP, 1984.
- _____ **O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa**. Caderno de Estudos Linguísticos número 17. Campinas, SP, 1989.
- GUY, Gregory R. e ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa – Instrumental de análise**. Parábola, São Paulo 2007.
- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. University of Pennsylvania, Philadelphia Press, 1972.
- _____ **Principles of linguistic change: internal factors**. Cidade: Blackwell: Oxford. Cambridge, USA, 1994.
- LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal**. São Paulo. Ática, 1999.
- MORAIS, Maria Aparecida C. R. Torres. **A preposição e a caracterização do objeto indireto: aspectos sincrônicos e diacrônicos**. Artigo, USP, São Paulo, 1999.
- MATOS, G. A. DUARTE, Inês S. **Clíticos e sujeito nulo no português: contribuições para uma teoria de pro**. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa, (1984).
- MATOS e SILVA, Rosa V. **O Português Brasileiro e o Português Europeu Contemporâneos**. Alguns aspectos da diferença. 2004. Disponível em: www.intitutocamoes.pt/cvc/hlp/pBrasil/index.html.
- MIOTO, Carlos; Maria Cristina Figueiredo Silva, Ruth Elizabeth Vasconcellos Lopes. **Manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 1999.
- OLIVEIRA, Marilza. **Adjuntos e complementos verbais introduzidos pela preposição “a”**. Artigo publicado- USP / SP, 1999.
- RAMOS, Jânia. **Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil, uma abordagem gerativista e variacionista**. Número de páginas: 282. Tese de doutorado.

Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Instituto de Estudo da Linguagem. Campinas, SP, 1992.

RAPOSO Eduardo . **On the null object in european portuguese**. Studies in romance linguistics. Foris, Dorcrecht. 1986.

ROCHA LIMA, **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: José Olimpio, 1978.

SAPIR, E. **A linguagem**, Perspectiva , São Paulo,1980.

- 1) STOWELL, August Timoty. **Origins of phrase struture**. Intitute of Tecnology . University of Toronto. Tese (Doutorado). Toronto, 1981.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. Ática, São Paulo, 2005.

_____ TARALLO F L.; KATO, M. Harmonia trans-stêmica: variação intra- e interlinguística. Preedição 5. Campinas, SP. .(1989)

_____ TARALLO, F. L, KATO, M. A et alii. **Rupturas na Ordem de Adjacência Canônica no Português Falado**. 1989, In: Castilho, A. T. (org.) *Gramática do Português Falado, Volume I: A Ordem*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, p. 31-62, 1990.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXO

Tabela 1: Presença e ausência da preposição no Português Brasileiro

V. dependente	
Presença	53%
Ausência	47%

Tabela 2: Variável dependente x jornais.

Jornais	Presença	Ausência
O Globo	50%	50%
Folha de SP	49%	51%
Estado de Minas	53%	47%
Estado de SP	60%	40%

Tabela 3: Formas de Complemento X Posição

		Infinitivo	S. N.	Pronome	Clítico Acusativo
Não adjacência do complemento	Presença	3 - 25%	35 -45%	4 - 40%	0%
	Ausência	9 - 75%	43 - 55%	6 - 60%	0%
Adjacência do complemento	Presença	16 - 22%	287- 67%	44 - 35%	0%
	Ausência	58 - 78%	142 -33%	80 - 65%	7 - 100%

Tabela 4: Formas de Complemento x Traço animacidade

		Infinitivo	S. Nominal	Pronome	Clítico Acusativo
SN [+ animado]	Presença	0%	8 - 44%	3- 60%	0%
	Ausência	2 - 100%	10- 56%	2 - 40%	0%
SN [- animado]	Presença	19 - 23%	314 - 64%	45 - 35%	0%
	Ausência	65 - 77%	175 - 36%	84 - 65%	7 - 100%

Tabela 5: Formas de Complemento x Jornais

		Infinitivo	S.N.	Pronome	Clítico acusativo
O Globo	Presença	5 - 23%	108 - 65%	12 - 21%	0%
	Ausência	17 - 77%	58 - 35%	44 - 79%	4 - 100%
	Presença	3 -19%	66 - 56%	9 - 35%	0%

Folha de SP	Ausência	13 – 81%	51- 44%	17 – 65%	1 -100%
Est. de Minas	Presença	3 – 9%	72 – 66%	10 – 63%	0%
	Ausência	31 – 91%	37 – 34%	6 – 38%	0%
Est. de SP	Presença	8 – 57%	76 – 66%	17 – 47%	0%
	Ausência	6 – 43%	39 – 34%	19 – 53%	2 -100%

Tabela 6: Formas de Complemento x Verbos

		Infinitivo	SN	Pronome	Clítico acusativo
visar	Presença	20 – 20%	23 – 35%	4 – 44%	0%
	Ausência	61 – 80%	43 – 65%	5 - 56%	0%
assistir	Presença	2- 25%	296 – 68%	43 – 35%	0%
	Ausência	6 -75%	139 – 32%	81 -65%	7 -100%
aspirar	Presença	2- 100%	3 – 50%	1 -100%	0%
	Ausência	0%	3 – 50%	0%	0%

Tabela 7: Posição x Traço Animacidade

		Não adiacência do complemento	Adiacência do complemento
SN [- animado]	Presença	39 - 41%	339 – 55%
	Ausência	56 – 59%	275 – 45%
SN [+ animado]	Presença	3 – 60%	8 – 40%
	Ausência	2 – 40%	12 – 60%

Tabela 8: Posição x Jornais

		Não adiacência do complemento	Adiacência do complemento
O Globo	Presença	10 – 42%	115 -51%
	Ausência	14 – 58%	109 – 49%
F.S.Paulo	Presença	8 – 33%	70 – 51%
	Ausência	16 -67%	66 – 49%
E. de Minas	Presença	10 -36%	75 – 57%
	Ausência	18 - 64%	56 – 43%
E. de S.Paulo	Presença	14 – 58%	87 – 61%
	Ausência	10 – 42%	56 – 39%

Tabela 9: Posição x PRO

		Não adiacência do Compl.	Adi. do Compl.
Sim	Presença	2 – 25%	6 – 9%
	Ausência	6 – 75%	64 – 91%
Não	Presença	40 – 43%	341 – 60%
	Ausência	52 – 57%	223 – 40%

Tabela 10: Posição x Verbos

		e- Não-adi. do Compl.	f- Adi. do Compl.
visar	Presença	5 – 25%	37 – 28%
	Ausência	15 – 75%	94 – 72%
assistir	Presença	36 – 47%	305 – 61%
	Ausência	41 – 53%	192 – 39%
aspirar	Presença	1- 33%	5 – 83%
	Ausência	2 – 67%	1 – 17%

Tabela 11: Traço Animacidade x Jornais

Jornais		SN + animado	SN - animado
i- O Globo	Pres.	3 – 50%	122 – 50%
	Aus.	3 – 50%	120 – 50%
j- F.de SP	Pres.	2 – 33%	76 – 49%
	Aus.	4 – 67%	78 – 51%
l- Est. de Minas	Pres.	4 – 67%	81 – 53%
	Aus.	2 – 33%	72 – 47%
m- Est. de SP	Pres.	2 – 29%	99 – 61%
	Aus.	2- 71%	61 – 38%

Tabela 12: Traço Animacidade x Verbos

		SN + animado	SN - animado
visar	Presença	1 – 20%	41 – 28%
	Ausência	4 – 80%	105 – 72%
assistir	Presença	9 – 50%	332 – 60%

	Ausência	9 – 50%	224 – 40%
aspirar	Presença	1- 50%	5 – 71%
	Ausência	1 – 50%	2 – 29%

Tabela 13: Jornais x Verbos

		O Globo	F de SP	E. de Minas	E de SP
visar	Presença	7 -23%	5 – 18%	18 – 27%	12 – 48%
	Ausência	24 – 77%	23 – 82%	49 – 73%	13 – 52%
assistir	Presença	116 – 54%	72 – 55%	55 – 75%	88 – 62%
	Ausência	99 – 46%	59 – 45%	22 – 25%	53 – 38%
aspirar	Presença	2 – 100%	1 – 100%	2 – 40%	1 – 100%
	Ausência	0%	0%	3 – 60%	0%

Tabela 14: PRO x Jornais

		O Globo	F de SP	E. de Minas	E. de SP
Sim	Presença	2 – 8%	0%	2 – 7%	4 – 27%
	Ausência	22 – 92%	11- 100%	26 – 93%	11 – 73%
Não	Presença	123 – 55%	18 – 52%	83 – 63%	97 – 64%
	Ausência	101 – 45%	71 – 48%	48 – 37%	55 – 36%

Tabela 15: Variável dependente x Voz passiva x jornais

		O Globo	FSP	EM	ESP
Sim	Pres.	0 - 0%	0 - 0%	0 - 0%	0 - 0%
	Aus.	8 - 100%	5 -100%	4 - 100%	5 - 100%
Não	Pres.	125 - 52%	77 -50%	85 -55%	100 - 62%
	Aus.	115 - 48%	77 - 50%	70 - 45%	61 - 38%

Tabela 16: Variável dependente x Voz passiva x Tipos de verbos

		Sim	Não
visar	Pres.	0%	41 – 28%
	Aus.	2 - 100%	107 – 72%
assistir	Pres.	0 - 0%	340 – 61%
	Aus.	14 - 100%	219 – 39%
aspirar	Pres.	0 – 0%	6 – 67%
	Aus.	0- 0%	3 -33%